OS REED
LIVRO 9



INSTANTE
Inesquecível

TAMMY FALKNER

TABLE OF CONTENTS

Instante Inesquecível
1. Tammy Falkner
Copyright
Introduction
2. Nick
3. Carrie
4. Nick
5. Carrie
6. Nick
7. Carrie
8. Nick
9. Carrie
10. Nick
11. Carrie
12. Nick
13. Carrie
14. Nick
15. Carrie
16. Nick
17. Carrie
Also By

INSTANTE INESQUECÍVEL

TAMMY FALKNER

NIGHT SHIFT PUBLISHING

Instante Inesquecível

Instante Inesquecível
1. Tammy Falkner
Copyright
Introduction
2. Nick
3. Carrie
4. Nick
5. Carrie
6. Nick
7. Carrie
8. Nick
9. Carrie
10. Nick
11. Carrie
12. Nick
13. Carrie
14. Nick
15. Carrie
16. Nick
17. Carrie
Also By

INSTANTE INESQUECÍVEL

(Os irmãos Reed - Livro 9)

TAMMY FALKNER

Tradução: Andréia Barboza

Copyright © 2014 por Tammy Falkner

Copyright da tradução © 2016 por Andreia Barboza — Bookmarks Brasil

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n° 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse:

Ele sabe o valor da vida.

Ela ainda está descobrindo.

O que você faria se tivesse um último instante para dizer adeus? Você aceitaria?

Embora este livro seja sobre Nick e Carrie, dois novos personagens e os Reed — todos eles — aparecem nesse livro. E pode ser que pequenos Reed estejam escondidos nas próximas páginas. Shhh! Não conte a ninguém.

NICK

A luz do sol atravessa minha janela e atinge minhas pálpebras. Olho para a cabeça loira que está apoiada no travesseiro ao lado do meu. Quem é essa? Afasto seu cabelo do rosto e solto um gemido interno. Como foi que Jack veio parar na minha cama? Seu nome é Jackie, e eu a conheço a vida toda. Às vezes eu acordo, e ela está dormindo ao meu lado. Nem me lembro de tê-la convidado na noite passada, mas isso não é necessário no mundo da Jack. Ela faz o que quer e quando quer.

Meu palpite é de que as coisas não estavam bem na casa dela, e seu pai apareceu de novo, então ela veio para cá. Isso não me incomoda. O motivo de ela estar na minha cama é um assunto completamente diferente. Eu a deixo dormir e me levanto.

Estou feliz por ter vestido a boxer antes de me deitar. Não que Jack já não tenha me visto nu. Eu também já a vi completamente nua, mas só porque ela fica bêbada com frequência, e eu tenho que levá-la para casa. Nós nunca transamos nem transaremos. Jamais.

Somos melhores amigos, sem ciúme. Nossa relação é simples e fácil, e não somos territoriais quando se trata de relacionamentos com outras pessoas. É isso que faz com que as coisas sejam tão legais entre nós. Às vezes, bate a solidão, e eu sinto necessidade de ter alguém perto de mim. Jackie não se importa. Sou um cara e odeio ficar sozinho. Às vezes, o silêncio se torna insuportável.

Entro na cozinha e encontro Malone, o cara com quem divido o lugar, com a mão na botija. Suas mãos estão literalmente enfiadas dentro do pote do ursinho Pooh da minha mãe.

Ele sorri para mim, uma mecha de seu cabelo escuro caindo sobre os olhos.

— Dia — ele fala e enfia vários biscoitos na boca. Quando termina de

mastigar, ele me olha e balança as sobrancelhas. — Jack te encontrou na noite passada?

— Aparentemente — murmuro. — Quem a deixou entrar?

— Eu não podia deixá-la do lado de fora.

— Por que ela escolheu a minha cama?

Ele dá de ombros.

— Ela estava acabada.

Ela sempre está.

— Da próxima vez, coloque-a no sofá, tá?

Ele olha para mim timidamente.

— Tentei fazer isso, mas ela queria você, cara.

Sim, mas eu não a quero. Pelo menos não de forma permanente. Não nadávamos ter mais nada além do que já temos.

— Marty voltou para casa ontem à noite? — pergunto. Não sei porque sinto necessidade de saber sobre a nossa última colega de apartamento. Ela nem mesmo dorme aqui todas as noites. É mais velha que a gente — ela tem 21 e nós dois, 19. Ela é como a mãe que nunca quisemos quando está aqui, nos fazendo limpar o que sujamos e baixar a tampa do vaso sanitário. Mas ela paga o aluguel e isso é tudo o que preciso. Não posso pagar esse lugar sozinho, não importa quantos empregos eu tenha.

Olho ao redor. Não é muito, mas é meu. Lembro de quando meus pais o compraram. Eles ficaram tão orgulhosos. É um trailer em um terreno minúsculo, mas fica na costa e é valioso para mim só por causa das memórias.

— Não vi a Marty — Malone fala. Ele sai, bate suavemente na porta e, em seguida, a abre e enfia a cabeça para dentro. — Não — diz. — Não está aqui. —Ele coça a barriga nua. — Acho que vou voltar para a cama.

— Você comeu todos os biscoitos? — Levanto a cabeça do Pooh e olho para baixo. Ele só deixou o farelo do Oreo. — Idiota — murmuro.

Ele ri e vai para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Dou uma olhada nas correspondências sobre o balcão e fico animado quando vejo uma carta de Patty Michaels. Abro e encontro o cheque. A sra.

Michaels me paga para cuidar do quintal da sua casa quando não está aqui. Geralmente, ela envia um cheque por mês — com uma quantia generosa — e eu nunca tenho contato com ela de outra forma, a menos que precise resolver algo para ela. Mas um bilhete cai do envelope.

Nick,

Voltaremos após a graduação. Pode se certificar de que a despensa está cheia, abrir a casa e dar um jeito no quintal. Nos vemos em uma semana!

Abraços,

Patty Michaels

Meu coração quase sai pela boca. Se os Michaels estão vindo para a praia, isso significa que Carrie vai voltar. Carrie é a filha deles. Faz pelo menos três verões que ela não aparece por aqui. Não desde que seus pais se separaram.

Carrie quem é a pessoa que foi embora. Foi com ela que dei meu primeiro beijo. Minha primeira ficada com uma menina que tinha seios. Minha primeira ereção nos braços de uma garota. Meu primeiro amor. Ela tinha 14 anos e eu, 15 na última vez que a vi. Dá pra se apaixonar tão jovem? Meu coração diz que é possível.

Carrie era diferente de qualquer pessoa que já conheci. Ela podia me fazer rir e chorar, tudo de uma vez. Um olhar dela e eu sabia o que queria pelo o resto da vida.

Meus pais me mostraram o que o amor poderia ser, então sentia que saberia como era quando o encontrasse. Mas ela se foi e nunca mais voltou. A vida continuou, mas não era a vida que eu queria. Ou, pelo menos, não depois que os meus pais morreram.

Afastei as lembranças e olhei o bilhete da sra. Michaels de novo. Carrie estaria voltando para a praia. Assovio ao voltar para o quarto. Jack se aconchega no meu travesseiro e percebo que ela está só de calcinha. A coberta está enrolada em seus pés e ela está de bruços, com os braços ao lado do corpo.

Sento na lateral da cama e afasto seu cabelo do rosto. Ela murmura algo que não consigo entender.

— Jack — sussurro.

Ela não se mexe.

— Jack — falo um pouco mais alto.

Ela geme, mas não acorda.

— Jack! — grito. Ela abre os olhos e me olha, estreitando-os até se acostumar com a luz do sol. Faço carinho em suas costas. — Ei, menina bonita — falo. Ela sorri de encontro ao travesseiro, mas ainda não se mexe. — Você tem que sair daqui.

— Para onde eu vou? — ela pergunta.

— Não me importa para onde vai, mas não pode ficar na minha cama. — Estou falando sério. Ela não pode, pois Carrie está voltando. Não tenho certeza de quando, mas, com certeza, não quero que ela encontre Jack na minha cama quando chegar aqui. — Onde estão as suas roupas?

Ela dá de ombros.

— Você estava vestida quando chegou aqui?

Ela se senta, agarrando meus lençóis contra o peito.

— Não me lembro — admite.

— Você tem que parar de fazer isso — advirto.

— Eu sei. — Ela se deita novamente no meu travesseiro.

Pego uma das minhas camisetas e a visto nela. Jack enfia os braços nas mangas e tenta fechar os olhos de novo.

— Fora! — falo. Ela coloca as pernas para fora da cama, puxa a camiseta e se senta. — Agora.

Ela se levanta, cambaleando como um potro recém-nascido e caminha em direção à porta.

— Ei, Jack — chamo suavemente. Ela me olha, estreitando os olhos.

— O quê? — ela pergunta.

— Você tem que parar de fazer isso consigo mesma, ok?

— Eu sei. — Ela não diz nada além disso e sai do meu quarto usando só a minha camiseta e calcinha. Eu a observo, porque não quero que ela saia

vestida assim. Mas acho que sei para onde ela está indo. Como pensei, ela vai para o quarto de Malone e abre a porta. Eu a ouço falar algo para ele e, em seguida, as molas rangem.

Eu a sigo e olho para dentro do quarto. Jack está debaixo das cobertas e os braços dele estão ao seu redor. Não sei porque ela não foi direto para lá. Fecho a porta lentamente. Ele vai cuidar dela.

Preciso me preparar para Carrie. E se ela tiver namorado? E se não se lembrar de mim? E se não for mais a pessoa de mque me lembro? Por que ela não me enviou um cartão ou condolências quando meus pais morreram? Por que ela não voltou? Nunca?

Tenho muito o que fazer para me preparar. Começo trocando os lençóis. Preciso deixar a despensa cheia na casa dela. Ainda tenho uma foto que tiramos em uma cabine de fotos instantâneas há três anos na cômoda. É uma faixa com quatro fotos. Carrie está com a língua para fora em uma, fazendo um biquinho na outra e beijando minha bochecha na terceira. Na última, ela olha para a lente da câmera enquanto eu olho para ela.

Gostaria de saber se ela mudou e o quanto.

CARRIE

Cubro o telefone e tento controlar a respiração para que eles não me ouçam.

— Já fiz os arranjos para que a casa de praia seja arejada e tudo mais. Só me deixe ficar com ela durante o verão — minha mãe implora. Sua voz está trêmula.

Por favor, não deixe que ela fique comigo durante o verão, penso comigo mesma. Não quero ir.

Não a vejo há quatro anos. Não desde que ela decidiu largar nossa família. Ela conheceu um homem que amava mais do que a nós e, um dia, decidiu ir embora. Era como se ela nunca tivesse existido, já que meu pai também tem um temperamento complicado. Ele pegou todas as coisas dela — ou pelo menos o que ela deixou em casa —, fez uma fogueira no quintal e cantou "Living on a Prayer" com muita empolgação até que não restasse mais nada além de ressaca e cinzas.

Meu pai grunhiu.

— Para onde você vai levá-la?

A voz dela é suave.

— Pensei em irmos para a praia.

Meu pai solta um suspiro.

— Patty — ele fala num fôlego. Posso imaginá-lo apertando o ponto entre os olhos, na parte superior do nariz, entre o polegar e o indicador.

— Tivemos muitas lembranças boas na praia — ela fala, sua voz suave e tão familiar que faz meu estômago doer. Mas ela não é mais a minha mãe. Ela é aquela mulher que partiu. Aquela que foi embora e nunca mais voltou. — Você pode ir com a gente se estiver preocupado — ela fala. Sua voz soa... esperançosa? Nem sei como descrever isso.

— Você sabe que não posso fazer isso — ele fala.

— Sua namorada não vai gostar? — ela pergunta.

Meu pai não tem namorada. Depois que ela partiu, ele nunca mais saiu com ninguém, mas tenho a sensação de que ele contou algo diferente.

— Ela não aprovaria — ele fala.

— Ah — minha mãe suspira. — Mas eu posso ficar com a Carrie? Durante o verão? Esta é a última vez que vou pedir. Não vou conseguir mais suportar qualquer coisa depois disso.

O que isso significa?

— Você nunca mais vai ter que lidar comigo novamente. Apenas me permita ter essa última temporada. Por favor? — A voz dela falha.

— Patty — meu pai suspira. Ouço as molas rangerem ao telefone. Quase posso imaginar seus joelhos se enfraquecerem, porque é isso que ela faz com ele.

— John, por favor? — ela implora.

— Ok — ele responde com uma expiração pesada. — Certo. Pode ficar com ela no verão. Se... as coisas não fossem... como são... eu jamais permitiria. Sabe disso, né?

—Sim — ela diz baixinho. — Eu sei. E entendo o porquê.

— Tenho uma condição — ele fala.

— Qual?

— Você tem que contar a ela sobre o seu diagnóstico antes de irem. E tem que me prometer mandá-la para casa no minuto em que estiver muito doente para cuidar dela.

O quê? Do que ele está falando?

— Vou contar a ela.

— Vamos contar juntos.

Entro no quarto do meu pai, o telefone ainda agarrado ao meu ouvido. Ele está sentado exatamente como eu imaginava, com o indicador e o polegar pressionados contra a ponte do nariz e os olhos fechados.

— O que você vai me contar? — pergunto.

— Carrie! — minha mãe suspira.

Meu pai fica de pé em um pulo.

— Há quanto tempo você está escutando.

Deixo o telefone sem fio cair ao meu lado.

— Por tempo o suficiente.

Posso ouvir minha mãe chamar meu nome pelo telefone.

— Não queríamos que você descobrisse dessa forma — meu pai fala, correndo em minha direção.

— Descobrir o quê? — pergunto novamente, pontuando as palavras enquanto apertava a mandíbula.

Meu pai fala ao telefone e não para mim.

— É melhor você vir pra cá, Patty. Agora.

Ele balança a cabeça e murmura, me afastando para falar calmamente com ela por um minuto. Então ele se vira para mim.

— Ela está a caminho. — Joga o telefone na cama.

— O que está acontecendo, pai? — pergunto. Meu coração está batendo como um pica-pau louco dentro do peito.

— Ela está vindo e vai te contar.

— Me contar o quê? — por fim eu grito. Ele para e olha para mim. Seus olhos são gentis. Eles são sempre gentis. Meu pai usa óculos e tem cabelo loiro claro. Ele tem uma barriguinha da qual não consegue se livrar, não importa quanta dieta faça. Então não se preocupa com isso. Neste momento, seu rosto está vermelho brilhante e ele parece ter corrido quase dois quilômetros.

— Sua mãe está com câncer, Carrie — ele fala e estremece quando as palavras saem da sua boca. Ele abre os braços e eu caio neles. Ele me pega, como sempre faz. Tudo o que posso pensar enquanto choro em seu ombro é que estou feliz por ele ter me dito antes que ela chegue aqui, porque se ela soubesse que eu me importava, teria poder sobre mim novamente.

Meu pai me segura e me deixa colocar tudo para fora. Quando termino, me afasto e seco os olhos.

— Ela está morrendo? — pergunto. Mordo o interior da bochecha e me calmo com o gosto metálico de sangue ao morder com força.

Ele assente.

— Sim, este será seu último verão.

— Tem certeza? — Eu espero. O relógio na parede faz tique-taque. *Uma. Duas. Três. Quatro vezes.*

Ele assente.

— Tenho certeza.

— Ótimo — resmungo.

— Você não quis dizer isso — ele repreende.

— Sim, quis.

Vou para o meu quarto me recompor. Minha mãe está vindo para me contar que está morrendo e que tenho que passar o verão com ela. Mas ela morreu no meu coração há três anos, quando foi embora. Eu me recuso a chorar por ela duas vezes.

Tenho tempo quase suficiente para arrumar o cabelo e a maquiagem antes que ela chegue. Ouço a batida na porta da frente, mas me recuso a sair até que eles me chamem. Os dois falam baixinho na cozinha e posso sentir o cheiro de café sendo preparado. Minha mãe é fanática por café, mas meu pai odeia.

Uma batida soa na minha porta.

— Ei, Carrie — meu pai chama. Eu não respondo, então ele abre a porta e coloca a cabeça para dentro. — Sua mãe quer falar com você — ele fala. Ele me lança um olhar quando vê que estou de pijama e debaixo das cobertas.

— O quê? — pergunto, erguendo as mãos.

— Levante-se — diz ele. De repente ele se torna *aquele* pai. *Aquele* que tem um tom mais agudo e uma atitude que impõe respeito. Quando ele se torna *aquele* pai, tenho que ouvir. Solto meu livro e afasto as cobertas. Passo por ele como um furacão, só porque posso. — Carrie — ele fala em voz baixa.

— O quê? — pergunto quando ele segura meu braço para me deter.

Ele balança a cabeça.

— Não importa. — Ele faz um gesto para eu continuar. — Você não tem que tornar isso difícil, sabe? — ele pergunta atrás de mim enquanto me segue

pelo corredor.

— Não fui eu que tornei as coisas difíceis — resmungo por cima do ombro.

Então eu a vejo.

Paro.

Ela está sentada à mesa com uma xícara de café nas mãos. Ela olha para mim e já há lágrimas nos olhos.

— Oi, Carrie — ela fala calmamente. Não se levanta, não se move em minha direção, nem estende a mão para mim.

— Oi, Patty — respondo. Vou até a geladeira e pego uma garrafa de água.

Meu pai estremece, mas ela ri. Eu não esperava isso.

A última vez que vi minha mãe, ela estava acima do peso. Usava cinta modeladora, camisetas e calças largas, com elástico na cintura.

Agora ela não é ela.

É outra pessoa.

É alguém magra, com cabelo loiro, curto e desigual que se destaca em ângulos estranhos. Ela levanta a mão e passa a distraidamente pelo alto da cabeça ao me ver olhando para seu cabelo. Me aproximo do meu pai. Quero que ele me toque. Quero que ele me abrace. Quero que ele faça tudo ficar bem. Mas ele só apoia o quadril no balcão.

Minha mãe limpa a garganta.

— Então, sobre o verão — ela fala. Engole tão alto que posso ouvir.

— Sobre o verão — repito. Não sei mais o que fazer ou dizer. Levo a garrafa de água até os lábios e tomo um gole.

— Você não quer ir comigo, né? — ela pergunta, e olha esperançosamente para mim.

— Não.

— Você tem 18 anos. Não posso forçá-la. — Ela encolhe os ombros.

— Eu posso — meu pai murmura. Olho para ele, que me encara de volta. Quero fazer uma careta, mas ele é *aquele* pai agora.

— Podemos ir velejar — ela fala. — Empinar pipas. Você sempre gostou de empinar pipas.

— Quando eu tinha 8 anos.

— Podemos fazer longas caminhadas na praia. Você costumava amar procurar conchas.

— Quando eu tinha 5.

— Alguns de seus amigos continuam morando lá.

— Quais? — pergunto, antes de me lembrar que deveria permanecer indiferente.

— Amber e Rose. — Ela estreita os olhos. — E aquele garoto de quem você gostava.

— Quando eu tinha 14 anos.

— Poderíamos ir logo após a formatura. Vou buscá-la. Podemos sair para jantar para comemorar e depois podemos ir para a praia.

Eu olho para o meu pai.

— Você vai também?

Ele balança a cabeça e finge olhar as correspondências.

— Não dessa vez.

Mas essa não era supostamente a última vez?

— Então está resolvido — minha mãe murmura. Ela passa a mão no nariz e enxuga a coriza. — Vamos para a praia.

— Uhu — falo, inexpressiva.

— Carrie — meu pai grunhe.

Forço os cantos dos lábios a se erguerem.

— Uhu — falo, balançando o punho no ar. — Vamos para a praia! — Olho para o meu pai. — Posso ir para o meu quarto agora?

Ele olha para a minha mãe, e ela simplesmente dá de ombros. Ele se inclina e beija a minha testa. Ele tem cheiro de madeira e loção pós-barba.

Sigo na direção do corredor, e a voz de minha mãe me chama.

— Carrie — ela fala. Olho para trás. — Acho que tenho que te dizer que estou morrendo e que este será o meu último verão. Quero compartilhá-lo com você. Mas só quero dizer que quero muito passar o verão com você, mesmo que você aja assim o tempo todo, porque vou aceitar o que eu puder receber.

As lágrimas começam a queimar meus olhos, e eu pisco.

— Eu vou — sussurro.

Meu pai coloca as mãos nos meus ombros e os esfrega.

— Mas ela promete não desfrutar de um único minuto.

Minha mãe ri. Mas é o som não tem qualquer alegria.

— Eu aceito.

Concordo com a cabeça e corro em direção ao meu quarto. Entro e me apoio contra a parede. Deixo a porta entreaberta para que possa ouvir o que eles estão dizendo. Mas eles estão tão quietos que não escuto nada. Porém, sei que minha mãe não vai embora até as primeiras horas da manhã.

NICK

Entro na casa de praia dos Michaels e olho ao redor. Ninguém a abre há um bom tempo. Anos, provavelmente. Pelo menos três. Não me lembro de ter visto a sra. Michaels por aqui, mesmo após a separação. Tenho quase certeza de que ela ficou com a casa no divórcio, pois só ela envia os cheques.

Eu adoraria saber o que aconteceu na separação. Gostaria ainda mais de saber o que teria feito a Carrie me abandonar completamente. Uma carta de vez em quando teria sido bom. Ou um e-mail. Existem tantas opções agora que não posso nem enumerar todas as maneiras que ela poderia ter me contatado.

Fungo ao entrar na casa e retiro a poeira que cobre os móveis. Isso me faz espirrar e meus olhos lacrimejarem, mas alguém tem de fazê-lo. Meco em baixo do balcão até que encontro produtos de limpeza e começo a trabalhar, me livrando da poeira que fica no chão com o aspirador. Já fiz coisas piores por dinheiro, e a sra. Michaels é mais do que generosa. Ela paga muito bem para que eu cuide do gramado. Vou até o lado de fora quando ouço a porta de um carro, pensando que é o técnico do ar condicionado que veio para fazer o serviço. Mas quando desço as escadas, vejo o filho do vizinho tirando algo do porta malas.

Nunca odiei tanto alguém quanto odeio esse cara. Sua família alugou a casa ao lado da de Carrie no verão passado e cheguei a conhecê-lo muito bem durante esse tempo. Eu até o convidei para sair comigo e o Malone algumas vezes. Até que ele conheceu a Jackie. Então passei todo o meu tempo mantendo-o longe dela, até que finalmente desistiu e a deixou com o coração partido. Ele é parte da razão pela qual ela é do jeito que é agora. Ela não confiava mais em si mesma para fazer boas escolhas no que diz respeito aos

homens.

Ele ergue a mão e me dá um aceno fraco.

— Nick — ele fala e aponta para a casa dos Michaels. — Alguém está se mudando? — ele pergunta. Já tirei as grades protetoras contra furacões e abri a casa.

— Ninguém que você precise saber — respondo. Quero dizer: tome conta da própria vida, mas mantenho essa parte para mim.

— Ei — ele chama e me segue ao redor da casa. — Sabe onde posso encontrar a Jackie? — Ele sorri preguiçosamente para mim, se inclinando contra a casa enquanto eu tiro a tampa do ar condicionado.

— Por que você quer encontrá-la? — pergunto sem olhar para cima.

— Ela é divertida, cara. Você sabe disso.

Seu nariz ficou torto da última vez que bati nele. E foi por causa da Jack também.

— Ela está fora dos limites — falo, grunhindo enquanto tiro o metal pesado.

Ele esfrega a ponte do nariz e seu sorriso preguiçoso se transforma em uma carranca.

— Tá pegando ela de novo?

— Não é da sua conta — falo.

— Então não vai se importar se eu for procurá-la.

Fico de pé e avanço tão rápido que ele tropeça, se chocando contra a parede da casa. Sustento seu queixo com o antebraço, e ele se contorce até que perceber que não vai se soltar. Ele se equilibra na ponta dos pés, tentando recuperar o fôlego.

— Fique longe da Jack — falo. — Além da Ambar, Rose e, particularmente, da garota que mora aqui. — Eu o solto e aponto para a casa. — Ela está fora dos limites também.

— Quem é ela? — ele pergunta e eu me amaldiçoo por tê-la mencionado, pois isso desperta o interesse dele.

— Vá para a cidade e encontre suas mulheres. Mas deixe meus amigos em paz. — Deixe os meus amigos. Considero Amber, Rose e o resto dos

frequentadores de verão fora dos limites. E Carrie — ela é minha. Toda minha. Até que ela me diga que não é.

— Vamos ver — ele fala sobre o ombro enquanto se afasta.

CARRIE

Meu pai me olha do outro lado da mesa, e eu estremeço quando ele minha canela com o sapato. Ele balança a cabeça na direção da minha mãe como se quisesse que eu desse atenção a ela. Ela está sentada ao lado dele na mesa, e não sei o que dizer. Meus sentimentos em relação a ela não mudaram. Ela nos deixou. Não quero ter nada a ver com ela.

— Sabe, Carrie — ela fala — arrumei alguém para deixar a casa de praia pronta.

Aceno e mastigo lentamente a berinjela com parmesão.

— Que bom — murmuro depois de engolir.

Ela ri.

— O pobre rapaz ficou ocupado com todo o trabalho duro. — Ela olha para o meu pai. — John, você se lembra de como era difícil o primeiro dia na praia? Erguer as persianas e deixar tudo pronto para a temporada?

Meu pai está com um olhar distante, mas concorda.

Encho a boca para não ter que falar.

— Ninguém vai lá desde que fomos como uma família.

Eu tinha 15 anos na última vez que usamos a casa de praia.

— Por quê? — deixo escapar.

— Por que o quê? — ela pergunta, parecendo confusa.

— Por que você não foi mais lá? — Ela amava a casa de praia.

— Simplesmente não era a mesma coisa... — Ela deixa sua voz morrer.

— Você nunca *o* levou lá? — pergunto. Eu me recuso a dizer o nome dele. O homem por quem ela nos deixou não merece um nome ou rosto.

Seu rosto enrubesce e ela olha para a comida.

— Não. — Isso é tudo o que diz. Apenas isso.

Aquilo me surpreende. Ela realmente amava a praia. Achei que ia gostar de dividir isso com ele.

— Como você conseguiu alguém para abrir a casa? — meu pai pergunta. Ele está tentando. Não sei o motivo, mas parece que ele quer tentar.

— Chamei um dos rapazes da região — ela fala e sorri para ele. — Queria que você fosse com a gente.

Ele balança a cabeça.

— Não posso. — Ele não olha para ela. Só para o prato.

Minha mãe baixa o garfo e fala.

— Bem, acho que devemos ir. Temos uma longa viagem.

Solto meu talher sobre o prato fazendo um barulho alto.

— Tudo bem — respondo. Jogo o guardanapo sobre o prato e me levanto.

— Precisa ir ao banheiro ou algo assim? — minha mãe pergunta.

— Patty, tenho 18 anos. Acho que sei quando preciso ir ao banheiro. — Ela ergue as mãos como se estivesse se rendendo.

Meu pai coloca minha mala na a parte de trás do jipe da minha mãe. Em seguida, ele caminha até mim. Me apoio contra ele e esfrego a bochecha contra seu peito.

— Vou sentir sua falta — sussurro.

— Eu também. — Ele esfrega minhas costas suavemente. — Seja gentil com a sua mãe — ele insiste.

— Por quê? — murmuro.

Ele me afasta e segura meu rosto.

— Este é o último verão dela. Guarde algumas lembranças boas.

— Ok — respiro. Mas sei que não vou fazer aquilo.

Entramos no jipe e percebo que não tem capota e as janelas estão abaixadas. Ela não está planejando dirigir de Charlotte até a costa da Carolina do Norte assim, não é? — Podemos colocar a capota? — pergunto.

Ela coloca os óculos escuros, sorri para mim e balança a cabeça.

— Não.

Em seguida, sai do estacionamento tão rápido que tenho que me segurar. Quando ela pega a estrada, meus longos cabelos loiros começam a voar no

rosto. Ela olha para mim, sorri de novo e abre o porta-luvas. Remexe ali dentro até encontrar um elástico de cabelo. Ela o oferece para mim, segurando-o entre o polegar e o indicador. Pego e prendo o cabelo.

Ela passa a mão pelo cabelo curto.

— Essa é a beleza da quimioterapia — ela fala, com um encolher de ombros.

Eu me viro e olho para fora da janela aberta.

— Você vai falar comigo durante a viagem? — ela pergunta. Mas não parece chateada. Apenas curiosa.

— Provavelmente não. — Me inclino contra o assento, tiro as sandálias e apoio os pés no console.

— Ok — ela fala. Então ela liga o rádio no máximo, até que meus pés estejam tremendo e meus ouvidos vibrando.

Não consigo evitar de me perguntar quem vai estar na praia quando chegarmos lá. As pessoas que conheci no passado? Amber? Rose? Nick? Ah, Deus. Nick. Me pergunto como ele está agora. Será que ainda está lá? Quero fazer essas perguntas a Patty, pois ela deve saber as respostas, mas teria que falar com ela para isso.

Minha mãe apoia o pulso esquerdo no volante e troca a marcha com a direita. Quando chegamos à estrada, o carro está arejado e barulhento. Estou bem com isso, porque não tenho que falar com ela. Nem preciso fingir que gosto dela.

Acordo com um empurrão e o barulho de uma freada. Meus olhos se abrem. Minha pele tem muita areia grudada nela e eu nunca me senti menos como eu mesma do que neste momento. Onde estamos?

Estamos na entrada da garagem da casa de praia. Aquele lugar me parece muito familiar. Mas tenho que piscar algumas vezes antes de me lembrar de como vim parar aqui.

— Chegamos! — minha mãe exclama. Ela empurra meu ombro. — Me ajude a descarregar as malas.

Está tarde. Quase meia noite.

— Não podemos fazer isso amanhã?

— Não. — Ela não fala nada além disso. Só empurra meu ombro de novo, e eu saio. Começamos a descarregar malas e caixas com comida e suprimentos.

A casa parece diferente. Me lembrava de ela ser maior que a vida. Mas não era. É pequena e pitoresca. Tudo é praiano, com placas de pesca penduradas na garagem e redes de decorando o espaço. Nós nunca pescamos. Jamais entendi porque isso ficava lá.

O interior é como eu me lembro, mas menor: pintada em amarelo, azul, verde e cor de pêssego. E os móveis são muito brilhantes. Caminho e abro a porta de vidro deslizante. Vou até a varanda, e a brisa do mar me envolve, me cobrindo com um ar úmido refrescante.

Ergo o rosto para a brisa e fecho os olhos, inalando profundamente. Por um segundo, a vida é perfeita. Então ela caminha até o lado de fora e fica ao meu lado. E de repente, a perfeição desaparece.

Desço os degraus que levam para o mar e meus pés afundam na areia. Ouço as portas deslizantes de vidro atrás de mim com um leve estrondo. Ela voltou para dentro. Ótimo. Caminho pela praia até que a areia começa a cobrir meus pés.

Este lugar costumava ser mágico. Mas agora é só um lugar que pertence à minha mãe.

As ondas de água salgada em minhas canelas me puxam com suas garras gananciosas. Talvez se eu apenas tentasse focar no mar, pudesse passar por isso. Essa viagem não tinha que ser sobre ela. Podia ser sobre mim também, não é?

Me viro e olho para a casa. A luz da sala se apaga. O quê? Volto e abro a porta de vidro deslizante. A porta do quarto da minha mãe está fechada. Ela foi para a cama?

— Boa noite, Patty — sussurro, levantando as mãos.

Tomo um banho rápido e vou para o meu antigo quarto. Os lençóis estão dobrados em cima da cama. Forro o colchão e deslizo entre eles vestindo

camiseta e calcinha. Não posso acreditar que ela foi para a cama sem me dizer uma palavra. Então eu me lembro que não deveria me importar.

Acordo na manhã seguinte e tropeço pelo corredor. Posso sentir o cheiro de café sendo preparado e ando em direção a ele. Se há uma coisa que herdei da minha mãe foi o amor pelos grãos. Bebo gelado, coado, instantâneo ou de qualquer outra forma que me derem, desde que possa tomar. Como se estivesse no piloto automático, caminho em direção à cozinha.

Ouço um barulho e vejo que a geladeira está aberta e alguém está remexendo nela. Ela está usando calça jeans? Na praia?

Mas, em seguida, a pessoa se levanta e não é a minha mãe. Ele é loiro, alto e... não é a minha mãe. Seus olhos se arregalam por um segundo e ele congela. Em seguida, analisa meu corpo com calma. Meu corpo pouco vestido.

Cruzo os braços na frente do peito, já que não estou usando sutiã.

— Quem é você? — pergunto. Dou um passo para trás do balcão, tentando colocar algo entre nós dois enquanto puxo a barra da camiseta.

Suas sobrancelhas se erguem. Ele está com um pedaço de queijo entre os lábios. Ele morde com força e mastiga por um segundo, de olhos fechados. Em seguida, sorri.

— A rapidez com que ela se esquece — ele fala, apoiando um quadril contra o balcão e olha para mim. Há um sorriso peculiar em seus lábios, e eu me encontro desejando sorrir junto com ele. Bem, eu faria isso se não estivesse vestida daquele jeito.

— Você não se lembra de mim, não é?

Suas palavras me atingem como uma tonelada de tijolos quando percebo quem ele é.

— Nick? — sussurro.

Ele sorri, e sei que estou certa. Jamais vou entender como não percebi de imediato.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

Ele aponta para a porta.

— Vim cortar a grama. Sua mãe estava saindo para a quimioterapia e me disse para pegar algo para comer. Então eu vim. —Ele sorri novamente.

— Ela se foi?

Ele balança a cabeça, uma expressão curiosa no rosto.

— Para o hospital. Um amigo veio buscá-la.

— Ah. — Remexo num fio solto na manga da camisa, porque não sei o que dizer a ele.

— Ela não está bem, não é? — ele pergunta. Seu olhar é curioso, não simpático.

— Acho que não — respondo.

Ele me estende a fatia de queijo meio comida.

— Quer um pouco?

— Ai, credo. Não, obrigada.

Seus olhos se estreitam.

— Me lembro de uma época que compartilhamos mais do que um pedaço de queijo. — Ele ri quando o calor esquenta minhas bochechas. — Você está ciente de que está de roupa íntima? — ele pergunta.

— Na verdade, estava esperando que você não estivesse ciente disso. Eu não sabia que havia alguém aqui.

Ele aponta para o rosto.

— E você tem marcas do travesseiro no rosto.

Passo a mão no rosto. Eu provavelmente tenho marcas de rímel debaixo dos olhos também.

Sua voz suaviza.

— E você está sexy pra caramba com essa aparência — ele fala em voz baixa.

Meu coração acelera.

— Deus — suspiro.

Ele sorri.

— Preciso começar a trabalhar — ele fala e balança o queijo para mim. — Vejo você por aí.

— Ok — falo calmamente, com um aceno.

Ele ri e sai. Ouço um barulho e, em seguida, o cortador é ligado. Afundo em uma banqueta. Droga. Isso não foi como eu esperava. Ao encontrar Nick novamente, esperava estar bonita. E com a vida organizada. E melhor do que da última vez que ele me viu. Mas eu não estava nada daquilo.

Eu era apenas eu. E apenas eu não era suficiente para manter alguém por perto.

Me sirvo de um pouco de café e levo para o meu quarto. Meu reflexo ri de mim pelo espelho da penteadeira. Na verdade, estou com marca de rímel em baixo dos olhos, e meu cabelo parece um caminho de rato. Deus, por que ele tinha que aparecer assim? Por que eu não poderia ter sido informada da sua presença para que pudesse estar preparada? Por que ele está cortando a grama? E por que a minha mãe não veio me dizer que estava indo para a quimioterapia?

Lavo o rosto, escovo os dentes e visto um biquíni. Estou na praia e tenho total intenção de tirar proveito dela. Não faço ideia de quando a minha mãe vai voltar. Pego uma garrafa de água, uma camiseta e uma toalha e vou para a praia em busca do meu bronzeado de verão. Está ventando, então me cubro de protetor solar. O sol pode enganar, mesmo quando não parece tão quente. Deito e fecho os olhos. O calor se infiltra em minha pele e sinto meu corpo relaxar em um instante.

Foi muito estranho ver Nick depois de todo esse tempo. Ele cresceu. Acho que eu também, mas a minha mudança não parece tão chocante. Da última vez que o vi, ele ainda usava aparelho, porque me lembro do meu lábio machucando quando me beijou pela primeira vez. Foi na minha festa de aniversário de 14 anos. Estávamos dançando uma música lenta na areia. Meu pai levou os alto-falantes para a varanda só por causa da minha festa.

Seu cabelo parece ter sido beijado pelo sol e ele está mais forte do que me lembro. Grande como uma porta. Ele costumava ser magro, mas agora ele... não é. Ele é sexy. E parece muito mais velho do que eu. Nós dois estamos com 19 anos e tenho certeza que ele se formou este ano, assim como eu. Amber e Rose têm a mesma idade que nós dois. Acho que a minha mãe disse

que elas estão aqui também. Elas são veranistas como nós. Nick era o único morador que saía conosco, além dos amigos que ele nos apresentou. Seus pais tinham um trailer em um terreno nas proximidades. Não era como as nossas casas, que ficam diretamente na praia. Nos conhecemos em uma caminhada ao entardecer. Nunca vou me esquecer desse dia.

— Vocês três parecem perdidas — uma voz falou em baixo do cais.

Amber segurou meu braço e Rose assobiou baixinho.

— Meu Deus, ele é lindo — Amber sussurrou.

— Não estamos perdidas — eu disse. — Mas obrigada.

Ele estava de pé, em baixo do cais com dois outros rapazes. Eles riram, mas ele não. Continuamos andando, e ele correu de costas na nossa frente, sem se preocupar em olhar para onde estava indo.

— Tem certeza de que não está perdida? Porque eu podia jurar que você estava tentando encontrar o caminho para o meu coração. — Ele colocou a mão sobre o peito magro e piscou para nós de um jeito dramático. — É fácil. Chocolate e beijos. Não necessariamente nessa ordem. — De repente, ele tropeçou e caiu de costas. Ficou lá e riu.

Amber riu. Rose fez um barulho de ronco com o nariz. E eu me apaixonei imediatamente e irrevogavelmente.

A água fria me tirou da letargia induzida pelo sol. Olho para cima e vejo o cabelo ruivo de Rose antes de ver qualquer outra coisa. Ela está delineada pelo sol e não posso nem ver suas feições, mas a reconheço. Ela ri para mim enquanto joga água fria nas minhas costas quentes.

— Menina, não acredito que você veio para a praia e não me convidou para vir junto. — Ela ri e cai na areia ao meu lado. Me sento e afasto a preguiça.

— Menina, eu não acredito que você não trouxe a Amber — respondo.

Ela aponta para trás com o polegar, e vejo Amber ali. Agora o verão pode começar oficialmente. Amber, Rose e eu nos mantemos em contato pelo Facebook. Não é como na vida real, mas podemos ver fotos umas das outras. Então, vê-las agora não era como rever Nick. Eu não tinha ideia do que

esperar dele.

Amber cai na areia ao nosso lado.

— Como vocês sabiam que eu estava aqui? — pergunto, completamente perplexa com a presença delas. Eu não avisei que viria, pois esperava encontrar uma forma de me livrar da viagem. Isso não aconteceu, obviamente.

Amber dá de ombros.

— A sua mãe ligou para nossas mães.

— Ah. — Por que ela não podia simplesmente parar de se intrometer? — O que mais ela disse?

Foco novamente na areia, porque não quero ver piedade em seus rostos. Amber encolhe os ombros novamente.

— Só que ela ia ficar muito ocupada no verão e queria organizar para que nos encontrássemos. — Amber ri alto. Mas então, ela volta a se conter. — Enquanto ela faz a quimioterapia. — Ela olha para a praia em vez de olhar para mim.

Rose coloca a mão no meu braço.

— É muito ruim?

Viro para que possa olhar para a areia.

— Ela só tem mais alguns meses — falo. Apoio o rosto sobre a toalha.

— É por isso que ela quis que você viesse com ela neste verão? — Rose pergunta.

Dou de ombros meio sem jeito.

— Não sei. — Na verdade eu sei. A culpa a fez querer que eu viesse. Era só isso. Ela não queria que eu ficasse com ela durante seus últimos momentos. Ela só não queria morrer com alguém pensando que ela era a mãe que havia ido embora.

— Você está triste?

— Só por vocês estarem bloqueando a vista. — Aponto para um jovem deitado algumas cadeiras à nossa frente. — Deem uma olhada.

Amber se transforma.

— Não se preocupe — ela fala, com uma careta. — Ele é um idiota.

Me viro e sento.

— Quem é ele?

— Seus pais alugaram a casa ao lado da sua no ano passado e este ano de novo. Ele estava no festival de verão ontem. — Ela estreita os olhos para mim. — E é um babaca. Confie em mim. — Amber olha para cima em direção a minha casa e protege os olhos com a mão. — Quem está cortando a grama? — ela pergunta.

— Nick — falo.

A testa de Amber franze.

— Uau. Que rápido, hein?

— Rápido? — Olho de Amber para Rose.

— Ele está agindo de um jeito estranho desde que descobriu que você viria. — Ela desvia o olhar de mim.

— O que você quer dizer com jeito estranho?

Rose empurra o ombro de Amber.

— Cale a boca — ela fala. — Ela quer dizer apenas mais estranho do que o normal.

Sento e visto a camiseta sobre o biquíni.

— Quando vocês chegaram aqui?

— Há uma semana? — Amber olha para Rose, que assente.

— Então, o que vem acontecendo nos últimos três verões? Alguma conexão que eu precise saber?

Amber morde o lábio inferior enquanto pensa.

— Nada que vá surpreendê-la.

— O que você não está me dizendo?

Amber dá de ombros.

— Os últimos verões foram bem angustiantes.

Rose solta uma risada em silêncio.

— Ou, pelo menos, um pouco angustiantes.

Verões nunca são angustiantes. São sempre cheios de namoricos. Garotas de férias que tentam encontrar garotos que vivem na costa. E os garotos que vivem na costa sempre paqueram as garotas de férias. É assim que as coisas

são.

De repente, voa areia no meu rosto. Esfrego os lábios e cuspo. E assim que meus olhos conseguem se acostumar com o brilho do sol, posso vê-lo de pé sobre mim. Ele está usando sunga agora e mais nada. Droga, ele é ainda maior do que eu pensava.

— Deus, Nick — falo. — Tome cuidado.

— Parece que você precisa se molhar — ele fala, animado enquanto esfrega as mãos.

— Estou bem assim. — Ergo um dedo, mas é tarde demais.

Ele me pega por baixo dos braços e a próxima coisa que percebo é que estou sobre seus ombros. Bato nas suas costas, mas ele caminha rapidamente para o mar e age como se nem sentisse. Então aperto seu bumbum. Ele para e se vira, como se quisesse olhar para o meu rosto. Mas tudo o que faz é me deixar atordoada.

— Se eu ficar com um hematoma na bunda amanhã, vou fazer o mesmo com você. Assim vai combinar com o meu — ele fala com uma risada.

Meu coração acelera. Bato nele de novo, porque não há nada mais que eu possa fazer.

— Me coloca no chão — grito. As ondas agora estão batendo em suas panturrilhas. — Me coloca no chão — grito um pouco mais alto.

De repente, ele me tira de cima do ombro. Fecho os olhos e prendo a respiração, porque espero que meu rosto afunde. Em vez disso, eu deslizo lentamente pela frente do corpo dele, suas mãos se movendo para segurar meus quadris e deslizando lentamente até a minha cintura nua.

— Nick — protesto.

A água nos envolve, e eu tento empurrá-lo, mas ele coloca os braços ao meu redor e mergulhamos juntos. Tudo o que posso fazer é agarrar seus ombros e segurar com força. É o que faço. Envolvo meus braços em seu pescoço e quando ele fica de pé novamente, estou colada a ele, com as pernas ao redor da sua cintura e os braços em volta do pescoço. Nossos rostos estão a centímetros de distância.

— Isso não foi muito legal — falo, cuspindo água.

— Eu estava suado e com calor — ele fala.

Ele vai cada vez mais para o fundo, até que as ondas batam em nossas costas. Mas ele continua firme. Me mexo para tirar as pernas que estão ao redor da sua cintura. Ele segura minhas coxas e as colocam de volta.

— Eu não estava — protesto. — Estava muito bem. — Olho para onde Amber e Rose estão. Elas estão rindo. As duas erguem o polegar. Traidoras.

— Vi você olhando para o idiota — ele fala.

— Que idiota?

— O cara que está hospedado na casa ao lado da sua. — Sua mão desliza em direção ao meu traseiro e as pontas dos dedos deslizam ao longo do elástico. Alcanço-a e puxo-a de volta para a cintura. Ele ri.

— O que tem ele? — pergunto. — E por que ninguém gosta dele?

— Porque ele é um imbecil — ele grunhe, e sinto seus lábios tocarem meu pescoço. — Salgado — ele fala.

Meu coração acelera.

— Vou te dizer como as coisas vão acontecer durante o verão — ele declara. —, antes mesmo de começar.

— Como será? — Solto as pernas da sua cintura apenas para descobrir que não posso tocar o fundo. Eu as envolvo na sua cintura novamente e o deixo nos segurar. Ele ainda está de pé, exceto por uma onda ocasional que o obriga a saltar.

— Você e eu vamos passar algum tempo juntos, pois quero te conhecer novamente. Tudo bem pra você? — ele pergunta.

Tiro a água do rosto.

— Por quê?

— Porque eu gosto de você. Sempre gostei. E você partiu o meu coração quando foi embora e não voltou. Então, sim, estou determinando como vão ser as coisas.

— Você nem me conhece mais — protesto.

Ele me aperta em seus braços.

— Eu sei. É por isso que eu falei que vamos nos conhecer de novo. Você está ouvindo? — ele grunhe de brincadeira.

— Sim, estou — falo em voz baixa.

— Bom, porque você é tudo em que penso quando chega o verão. — Ele afasta meu cabelo do rosto e tira uma mecha que está sobre os meus lábios. — Você e o verão andam de mãos dadas. Como sorvete e calda de chocolate. Como pipoca e sal. Como... eu e você, um garoto do verão e uma garota de férias. Não há verão sem você. São apenas estações sem fim, sem a perfeita.

Abro a boca para falar, mas apenas um gemido mortificado sai.

Ele ri.

— Sim, eu me sinto assim também. — Ele me aperta novamente em seus braços. — Entendeu, né?

— Não muito — admito.

— Estou muito feliz por você estar aqui — ele fala e beija a ponta do meu nariz. —Tenho que ir trabalhar. Posso vir te ver hoje à noite? Saio às oito.

— Trabalhar? É verão.

— É verão para você. Tenho trabalho durante todo o verão. Posso te ver mais tarde?

— Acho que sim. Minha mãe não deve se importar.

Ele zomba.

— Sua mãe me ama.

Se ao menos ela me amasse o suficiente para ficar.

Ele começa a caminhar em direção à areia segurando o meu traseiro. Toco o seu ombro.

— Me coloca no chão.

Ele ri e me solta quando a água está na altura da cintura. Mas ele pega a minha mão e a segura por todo o caminho para fora da água. Paro e torço o cabelo quando chegamos em frente a Amber e Rose.

De repente, ele empurra meu braço e me puxa contra si.

— Quero te beijar — ele fala na minha orelha. — Mas não quero estragar o nosso primeiro beijo tentando irritar o babacão.

— Você deveria fazer xixi ao meu redor para demarcar o território. — Aquela demonstração de posse não foi para nós. Foi para um cara que eu nem conheço ainda.

Ele sorri.

— Você pode ter esses pensamentos bizarros, mas eu só quero te beijar, pra começar. Vamos avançar por essas etapas em breve. — Ele ri e beija a minha bochecha. Depois, dá um tapinha no alto da cabeça da Rose e puxa o cabelo da Amber. — Até mais tarde, garotas — ele fala. Então, olha para o meu novo vizinho. Preciso descobrir qual é o problema.

Amber, Rose e eu o observamos correr pela areia e voltar para o deck da minha casa. Seus quadris são estreitos e os ombros largos. Ele tem uma tatuagem no ombro que parece ser um veleiro.

— Com certeza ele cresceu — murmuro para mim mesma quando me sento na toalha ao lado das minhas amigas.

Amber bufa.

— Em cima, em baixo e em todos os lados. Esse cara é *gostoso*.

— Ele deu em cima de você no mar? — Rose sussurra, colocando a mão na boca como se não quisesse que ninguém ouvisse. Se ela não quisesse ser ouvida não deveria estar sussurrando tão alto.

Coço a cabeça.

— Mais ou menos. — Ainda estou um pouco confusa sobre isso.

— O que ele disse para você? — Amber pergunta.

— Acho que ele me convidou para sair, mas não estou totalmente certa. Ele virá para cá às oito. — Dou de ombros. Meu rosto está em chamas com todo o escrutínio.

— Hum — Amber grunhe.

— O que significa isso?

— Nada.

Empurro seu ombro.

— Conta.

— É só que... — Ela olha para Rose como se quisesse permissão. Rose só levanta as sobrancelhas. — É que ele não teve nenhuma namorada desde o acidente. — Ela ergue um dedo. — Casos de uma noite, sim. Namorada, não.

— Acidente? — pergunto.

— Ah, meu Deus! — Rose grita. — Você não sabia?

Ergo as mãos.

— Sabia o quê?

— Os pais dele morreram há dois anos. Acidente de barco.

Meu coração quase para uma batida.

— Eu não tinha ideia. — Olho na direção em que ele foi, pronta para ir atrás dele e perguntar por que ninguém me contou. Eu teria... O que eu teria feito? Provavelmente nada.

— Achei que a sua mãe tivesse falado.

Balanço a cabeça.

— Minha mãe e eu não conversamos. — Mordisco a unha. — Quem cuida dele? — pergunto. Tenho muitas perguntas.

— Ele morou com o tio por um tempo. Mas quando estava quase com 17 anos, pediu emancipação e conseguiu. Então, ele se tornou oficialmente adulto antes de começar o último ano do ensino médio. Ele mora com duas pessoas na antiga casa dos pais.

— Então é por isso que ele está cortando a grama. — Estou chocada. Estupefata.

— E trabalha na marina. E na loja de surf. E no parque aquático também. Ele trabalha o tempo todo.

— Ele vai para a faculdade?

Amber balança a cabeça.

— Ele não disse nada sobre isso na noite passada.

— No festival de verão? — Há uma festa todo ano. Senti falta disso, acho.

Amber assente.

— Ele foi o DJ. — Ela ri. — Eu sei. Um de seus muitos empregos. — Seu rosto suaviza. — Ele passou por momentos difíceis depois que você se foi — ela fala calmamente. — Então, estou meio que surpresa por ele ter sido tão carinhoso com você, especialmente porque ele não te vê há muito tempo.

Sim. Eu também.

— E aí, o que vai vestir hoje à noite? — Rose pergunta.

— Nem sei o que vamos fazer.

— Vamos olhar o que você trouxe e escolher alguma coisa.

— Ainda tenho cerca de oito horas até o encontro.

— Exatamente. — Amber e Rose usam expressões de surpresa idênticas. — Talvez seja preciso ir às compras! — Amber dá um tapinha no meu joelho e se levanta, limpando as mãos enquanto caminha em direção ao deck. Não tenho qualquer escolha a não ser segui-las

Quando passo pelo vizinho, ele ergue a mão e sorri timidamente para mim. Aceno de volta. O que mais eu poderia fazer?

NICK

A casa da sra. Michaels é enorme. E há uma ainda maior à esquerda e a que o babaca está hospedado fica à direita. Caminhando ao redor da casa, dou uma parada quando vejo vários caras descarregando uma caminhonete. São todos loiros e têm tatuagens pelo corpo. Um deles olha para mim e levanta a mão.

— Oi — falo e vou até eles. — Precisam de ajuda?

A caçamba da caminhonete está completamente carregada com coolers, malas e coisas de bebê. Coisas de bebê?

— Acho que não — o maior deles fala. Ele me parece familiar, mas não me lembro onde eu o vi.

Estendo a mão.

— Sou Nick.

Ele aperta a minha mão enquanto os outros continuam levando as coisas para dentro da casa.

— Paul — ele fala.

Então a ficha cai. Eu sei quem eles são. Puta merda. Olho em direção à porta onde os outros entraram. Eles são os Reed, do novo reality show.

— Sério? — pergunto. Um sorriso bobo aparece em meus lábios.

Ele coça a cabeça.

— Estamos meio que de férias — ele fala.

— Ah. — Eles devem ser reconhecidos em todos os lugares que vão. — Não querem que ninguém saiba.

Ele balança a cabeça.

— Não exatamente. Vamos passar o mês. Vamos gravar no festival da praia.

— Fazendo tatuagens? — pergunto.

Ele assente.

— As meninas vão chegar aqui em breve com as crianças. — Ele aponta para a casa da Carrie. — Você mora aí?

— Não, a minha namorada mora. Bem, ela não é minha namorada ainda. Mas vai ser. Ela só não sabe disso ainda. — Não posso acreditar que falei tudo isso. Droga.

Ele ri e passa a mão no rosto como se quisesse esconder o sorriso. Mas não funciona. Ele deve me achar um idiota.

— Vocês vão trazer *todas* aquelas crianças? — pergunto. Há um monte delas.

Seus olhos se estreitam um pouco.

— Você assiste ao programa?

— Toda semana. — Passo a mão no cabelo, tentando não parecer um tiete. — Mas não é como se eu fosse um tarado ou algo assim.

— Não imaginei que fosse. — Ele puxa algumas caixas para a beira da caçamba. Os irmãos saem pela porta dos fundos com os braços vazios. Merda. São Logan, Pete, Matt e Sam. Ao vivo e a cores!

— Tá, eu posso ser um pouco *stalker* — admito. Eles se apresentam, e eu fico como uma criança à espera de um sorvete num dia quente de verão. — Mas do tipo que admira. Não do tipo quero roubar seus feitos pessoais.

Paul concorda.

— Aham — diz lentamente. Ele levanta a mão para mim e vai para dentro, sorrindo enquanto caminha.

— Acho que vejo vocês por aí — grito.

— Ei, espera — um deles chama. Eu me viro e vejo que é o Matt. — Sabe onde podemos conseguir lenha?

— Estamos no verão — eu o lembro.

— Queremos fazer uma fogueira na praia. Assar alguns marshmallows.

Duh. Claro que querem.

— Posso pegar um pouco.

Sua testa franze.

— Antes de hoje à noite?

Concordo.

— Cuidarei disso.

— Obrigado, cara — ele fala e entra. Ele coloca a cabeça para fora. — Até logo?

Eu concordo.

Acabei de conhecer os *Reed*.

Uma série de carros chega na casa. As mulheres começam a sair dos veículos, juntamente com as crianças. Sorrio, porque sei quem são todos. Cada um deles. Aceno e vou embora. Mas, espere... Friday não está mais grávida. Ela ainda estava grávida no programa da semana passada. Ela tira um assento de bebê do carro, com uma criança nele. Acho que já sei onde o bebê está.

Tenho que começar a trabalhar ou vou me atrasar.

Depois do trabalho, pego a lenha para os Reed e a empilho perfeitamente na porta da garagem deles. Eles estão na praia com a família e parece que há uma equipe de gravação junto. Uma pequena multidão se reuniu em torno deles, mas uns caras grandões estão fazendo a segurança da área. Não faço ideia de como é ser famoso, mas imagino que seja difícil.

Não preciso de incomodá-los, pois vão encontrar a lenha quando voltarem da praia.

Vou para casa para tomar um banho rápido. Malone está lá e, ao chegar, posso ouvi-lo reclamar com a Jackie. Entro no trailer e fecho a porta atrás de mim. Eles ficam em silêncio imediatamente.

— O que houve? — pergunto. Olho de um para o outro. Porém, ambos evitam o meu olhar.

— Nada — Malone resmunga. Ele volta para o sofá e liga a TV.

Jackie me segue até meu quarto e se senta na beira da minha cama.

— O que você fez agora? — pergunto enquanto tiro a camiseta e caminho em direção ao banheiro.

— Ele tá puto porque me pegou conversando com o Dale — ela fala e

deita no meu travesseiro.

Eu congelo. Ela foi ver o imbecil?

— Por que você estava falando com ele?

Ela encolhe os ombros.

— Não sei. — Sua voz é baixa.

— Depois do que ele fez com você no verão passado, é melhor ser inteligente o suficiente para ficar longe dele. — Vou até lá e olho para ela até que ela assente. Jack morde o lábio inferior e enxuga as lágrimas dos olhos.

Ele realmente a deixou em uma posição ruim. Ela engravidou e ele não se importou. Pensei que ela tivesse aprendido a lição, mas acho que me enganei. Fui eu quem segurou a mão dela quando tudo aconteceu. Quem permaneceu com ela durante a noite toda quando ela abortou. Quem a viu se culpar pela maneira como tudo terminou.

Vou tomar banho sabendo que ela vai me seguir até lá em um minuto. Assim que coloco a cabeça debaixo do chuveiro, ela começa a falar.

— Dale falou com o meu pai.

Abro parte da cortina.

— E?

— O meu pai gosta dele. — Ela se senta na tampa do vaso.

— E? — O pai dela não é um exemplo brilhante do melhor da humanidade.

— E ele sugeriu que eu fosse tomar um sorvete com Dale. Foi o que eu fiz. Foi o que o Malone viu. Foi o que aconteceu. Nada mais.

Solto um suspiro.

— Se você voltar com ele, não vou mais interferir. — Claro que vou. Sempre vou. Mas não quero.

— Ele era um idiota. Ainda é. Até tentou agarrar meu seio.

— E o que você fez?

Ela não fala nada, então eu olho para fora e a encontro estremecendo.

— O que você fez? — pergunto novamente.

— Eu meio que empurrei o sorvete em sua calça. Segurei sua cintura e o empurrei direto lá em baixo. Acho que ele pensou que eu ia pegar no pau

dele, mas se deu mal. —Ela encolhe os ombros.

Desligo o chuveiro e coloco o braço para fora, porque sei que ela vai me entregar uma toalha. Pego-a e a puxo para dentro do box.

— Estou orgulhoso de você — falo.

Ela sorri quando saio do chuveiro. Adoro quando Jack está feliz. Isso não acontece com muita frequência, mas quando acontece, vale a pena aproveitar.

Peço para que ela saia do quarto e visto uma bermuda cáqui e camisa polo. Balanço o cabelo em vez de pentear. Fica bom. Calço um chinelo e dou um beijo na testa de Jack.

— Vai ficar aqui?

Ela assente.

— Por um tempo.

Ela olha para Malone, que está ocupado ignorando-a no sofá. Ela dá de ombros para mim. Vai esperar até que ele fale com ela. É assim que as coisas funcionam.

— Divirta-se hoje à noite — ela fala. Aceno e saio.

É uma curta caminhada até a casa de praia da Carrie.

Bato na porta, mas ninguém atende. A porta dos fundos está trancada e sei que eu poderia usar a minha chave, mas não quero pegá-la de calcinha novamente.

Risca isso. *Quero* vê-la de calcinha. Só não quero *surpreendê-la*. Corro para o lado da praia e paro de repente quando a vejo sentada no deque com o babaca.

Ela fica de pé num salto.

— Nick — ela fala, como se estivesse surpresa em me ver.

— Carrie — falo e aceno para o babaca. — Dale. Ouvi dizer que suas bolas foram congeladas hoje — falo. Passo para o lado de Carrie no deck e seguro a mão na dela. Ela se assusta por um segundo, mas me deixa entrelaçar os dedos nos dela.

— Jackie tem uma boca grande — Dale fala. Em seguida, ele sorri. — Mas nós sabemos tudo o que ela tem grande, né? — ele pergunta estreitando os olhos enquanto me desafia.

Não vou responder, então seguro os dedos de Carrie e pergunto:

— Está pronta para ir?

Ela assente. Mas está olhando com curiosidade para mim. E então olha para Dale.

— Foi bom conhecê-lo — ela fala.

— Vejo você por aí — ele responde, mas olha para mim em vez de olhar para ela. Ele se levanta e segue em direção à sua casa.

— Sua mãe está? — pergunto.

Ela assente.

— Ela chegou em casa há pouco tempo, mas não estava se sentindo bem e foi se deitar.

— Queria dizer oi.

— Talvez amanhã? — ela pergunta.

Espero um instante e pergunto.

— Acha que ela vai ficar bem?

Ela balança a cabeça.

— Não. — Ela finalmente encontra o meu olhar. — Ela está morrendo. — Olha para o lado. — Podemos falar de outra coisa?

Olho para o mar, porque sempre foi um lugar tranquilo para mim. Respiro e tento afastar a sensação que tenho.

— Estava pensando que poderíamos caminhar até o cais e comer no restaurante de lá.

— Boa ideia.

— Precisa avisar a sua mãe que está saindo?

Ela balança a cabeça.

— Não. Não preciso avisar nada a Patty.

Descemos os degraus até chegar à areia e ela para, tira os sapatos e os segura com a mão livre.

— Por que você a chama de Patty?

Sua mandíbula tensiona.

— Não quero falar sobre a minha mãe.

— Ok — falo lentamente.

— Você vai para a faculdade? — ela pergunta.

— Não, a faculdade não é para mim. Tenho muito o que fazer aqui.

Ela se inclina, pega uma concha bonita e a segura.

— Olha, é da cor do céu — ela fala e a coloca no bolso. Sorri para mim e juro que quase me faz perder o equilíbrio.

Carrie está usando um vestido bonito, de um tecido que esvoaça ao redor dos joelhos. É macio e fino, assim como o seu cabelo. Me aproximo e solto uma mecha que está presa nos lábios.

— Vai para a faculdade? — pergunto.

Ela assente e pula na minha frente para pegar um pedaço de pedra marinha. — Universidade de Charlotte.

— Vai ficar perto de casa, hein? — pergunto.

Ela assente.

— Não quero deixar o meu pai sozinho.

— Ele não veio este ano, não é?

— Não, eles estão divorciados.

— Carrie — falo suavemente —, por que você não fala sobre a sua mãe?

Ela encolhe os ombros.

— Ela não é mais a minha mãe. É só a mulher que foi embora.

— Não entendo.

— Ela foi embora. E nunca mais voltou. Nunca veio me ver ou me levava para visitá-la. Ela só foi embora. Arrumou um namorado e desapareceu. Me esqueceu completamente. Então, agora que está morrendo, ela quer reconstruir o que destruiu. Eu não estou interessada. De jeito nenhum.

— Mas ela está morrendo — falo em voz baixa.

— Isso não muda nada — ela responde, teimosa.

Mas muda. Isso muda tudo. Absolutamente tudo.

CARRIE

Esse foi o pior encontro da história dos encontros. Nick ficou quieto durante o jantar e tentei conversar com ele sobre todas as coisas que normalmente falo com um cara — aulas, amigos, eventos sociais —, mas ele não agiu como se estivesse gostando da conversa. Na verdade, não acho que ele estava gostando do nosso encontro. Na verdade, acho que ele preferia ter sido amarrado pelas unhas do pé, pendurado em uma corda e espancado.

Caminhamos tranquilamente do restaurante do cais de volta para casa, só que agora ele caminhava distante de mim pela areia. Ele poderia até estar a quilômetros, pois era o que parecia.

— Falei algo que te aborreceu? — pergunto, baixo.

— O quê? — Ele vira a cabeça em minha direção.

— O que há de errado? — Paro e coloco as mãos na cintura. Ele olha para a lua em vez de olhar para mim e respira fundo.

— Eu só ... — ele começa. Mas então para. Mesmo à luz do luar, posso ver a tensão da sua mandíbula enquanto a aperta. — Nada.

— Você está com raiva porque o Dale estava na minha casa?

Tensão.

— Eu não o convidei — corro para explicar. — Ele me viu sentada no deck, se aproximou e se apresentou.

Tensão.

— Você ficou muito quieto no jantar.

Tensão.

— Depois do jeito que você me cumprimentou na praia, achei que, pelo menos, gostasse de mim. — Gostaria de não ter dito isso.

Tensão.

— Bem, muito obrigada pelo jantar — falo e começo a me afastar.

— Espere — ele chama. Ele corre atrás de mim e gentilmente puxa meu cotovelo. — Espere um instante.

— Qual é o problema? — pergunto.

— Só estou... um pouco desapontado.

Ergo a cabeça e minhas sobrancelhas provavelmente devem estar quase no alto da testa com a surpresa.

— *Comigo*?

— Sim. — A palavra é pouco mais que um suspiro. — Bem, não com *você* — ele fala um pouco mais alto. — Com a situação com a sua mãe. Não sei como explicar isso.

Solto um longo suspiro.

— Ótimo — murmuro. — Agora ela está arruinando isso também.

Ele vira a cabeça na minha direção e estreita os olhos.

— Por que você não consegue enxergar? — ele pergunta e balança a cabeça. — Não entendo.

Ergo as mãos.

— Não entende o quê?

— Eu só não entendo. Se eu tivesse mais um instante... — Ele ergue um dedo e a voz falha. Ele limpa a garganta. — Se eu tivesse mais um instante com os meus pais, eu o aceitaria e aproveitaria cada segundo. E você está jogando essa chance fora.

Olho para todos os lugares, menos para o seu rosto. Ele está muito intenso para mim agora. Mas segura meu queixo e me faz olhar para ele.

— Você está perdendo tempo — ele fala.

Me afasto do seu aperto.

— Você não entende a situação — grunho. — Está me julgando e não faz ideia do que ela fez comigo.

— Então me conte! — ele grita. — Fale sobre isso comigo. Coloque pra fora para que você possa superar.

— Ela me deixou. Ela nunca mais voltou! — grito. Há tanta fúria na minha voz que eu me assusto. — Ela preferiu um homem em vez de mim ou meu pai e foi embora!

— Ela está aqui agora! — ele grita na minha cara. Quando nos aproximamos tanto? Ele aponta para a casa de praia. — Ela está lá dentro e quer se aproximar de você. Aceite. *Aproveite* antes que seja tarde demais.

Cruzo os braços.

— Não posso.

— Então você não é a pessoa que achei que fosse. — Ele dá um passo para longe de mim e sinto que há um abismo enorme entre nós.

— Talvez eu não seja mesmo.

— Vai doer pra caramba quando ela se for — ele fala.

— Não, não vai.

— Vai sim.

— Não acredito em você.

— Acredite. Isso vai te devastar.

— Não. — Apenas uma palavra. Isso é tudo o que me resta.

— Você precisa perdoá-la. — Ele segura meu rosto de novo, mas suas mãos são suaves, assim como seus olhos. — Você precisa deixá-la se perdoar. Você vai se arrepender se não aproveitar este instante com ela.

— Não me lembro de você ter sido um filho incrível, sabe?

Ele ri.

— Você tem razão. Fui horrível. E se eu tivesse apenas um instante... — Ele balança a cabeça.

— O que você faria? — Olho para ele. — Naquele momento especial. O que você faria?

— Eu me certificaria de que eles soubessem o quanto os amo. O quanto sou grato pela vida que me deram e por terem me deixado lembranças boas para me acalentar. Diria a eles o tipo de pai que quero ser, que aprendi observando o meu pai. E contaria a eles o tipo de mulher com quem vou me casar, porque vou procurar as qualidades da minha mãe em cada mulher que eu encontrar. Diria a eles o máximo que eu pudesse. Porque já não posso mais dizer merda nenhuma a eles. Não posso e nem tenho certeza de que eles podem me ouvir de onde quer que estejam.

Balanço a cabeça, porque não sei como protestar contra isso.

— Eles se foram — ele se apressa em dizer. — Mas a sua mãe não. Ela está viva e tentando se aproximar de você. — Sua voz fica tão suave que mal posso ouvi-lo. —Perdoe-a. É fácil.

Resmungo.

— Não é.

— É — ele corrige. — Tente. Fale: eu perdoo você. Viu? Fácil. — Ele sorri.

— Obrigada pelo jantar — falo. Me viro e entro.

De repente, ele pega a minha mão e me puxa contra si. Seu braço desliza na minha cintura, e ele sussurra em meu ouvido.

— Não desperdice o pouco tempo que lhe resta.

Seguro seu rosto e pressiono meus lábios nos dele, principalmente porque quero que ele cale a boca, mas tenho outra razão também. Quero ver se ainda temos química. Um arrepio sobe pela minha coluna, embora seus lábios estejam congelados contra os meus. Então, ele me beija. Sua boca é suave e gentil, mas depois não é mais. Ele me beija e não é como qualquer outro beijo que já dei. Sua língua macia desliza na minha boca e eu tento estender a mão e tocá-lo. Meu coração acelera e meu estômago dá um nó. Mas, em seguida, ele coloca as mãos em meus ombros e me empurra para trás. Minhas pernas ficam bambas como as de um potro recém-nascido.

— Uau — ele fala.

— Sim — respiro, meu coração acelerado.

Ele me vira para a casa e bate no meu traseiro. Solto um gritinho e o encaro.

— Resolva isso. Enquanto ainda pode. — Ele ri. — Boa noite.

— Não gosto muito de você agora — falo enquanto subo os degraus.

— Gosto o suficiente por nós dois. — Eu o vejo ajeitar a bermuda e isso me faz rir.

Abro a porta de tela e paro de repente ao ver Patty sentada no sofá. Ela sorri para mim e passa a mão pelo cabelo curto. — Se divertiu? — ela pergunta.

— Um pouco.

Ela sorri.

— Ele te beijou?

Toco meus lábios com a ponta dos dedos e assinto. Ele me beijou. Deus, ele me beijou.

Ela coloca a xícara de café sobre a mesa lateral.

— Quer caminhar até o farol comigo? Você poderia me contar sobre o seu encontro com o Nick — ela fala. — Seria bom sentir a brisa do mar. — Ela espera um instante. — Lembra que costumávamos ir até lá e nos sentar para ver as estrelas? Você poderia colocar a cabeça no meu colo e poderíamos.

Ela acariciaria meus cabelos e conversaríamos muito. De repente, a emoção fecha a minha garganta e não posso fazer mais do que assentir.

— Eu me lembro — falo com a voz sufocada.

— Então, quer ir? — Ela se move para se levantar.

— Não. — Limpo a garganta. — Não, obrigada.

— Ah. — Ela murcha visivelmente.

Estava sendo estúpida? Tenho guardado esse rancor estúpido quando deveria estar fazendo mais?

— Vou pra cama.

— Ok — ela diz baixinho.

Vou até a porta do meu quarto e entro, mas no último momento eu volto.

— Patty — chamo. Ela se vira e me olha com um sorriso irônico no rosto. — Acha que eu deveria ver a previsão do tempo? Talvez pudéssemos ir até o farol amanhã.

Ela assente e eu vejo uma lágrima escorrer por sua bochecha.

— Sim, claro — ela fala calmamente. — Como você quiser.

Vou para o meu quarto, fecho a porta e me inclino contra ela. Preciso pensar sobre isso. Preciso pensar sobre o que o Nick me disse. Isso importa? É tarde demais?

Acordo com uma pancada forte na minha porta. O que foi isso? Afasto as cobertas e vou até lá. Abro, olho para fora e encontro minha mãe em pé, na

frente do armário do corredor. Ela está segurando uma toalha debaixo do nariz e outra está aos seus pés. Isso é sangue?

— Mãe?

Ela se vira para mim, ainda segurando a toalha debaixo do nariz. Seus olhos estão arregalados e temerosos. Ela balança a cabeça e murmura algo, mas não posso ouvi-la.

Vou em direção a ela.

— Mãe? — chamo novamente. Pego a toalha e a puxo para baixo. Está embebida em sangue. Ela estende a mão e a coloca contra a parede, fechando os olhos. — Mãe! — grito, enquanto ela cai no chão.

Ela ofega como se estivesse sufocando, então eu a viro de lado. Seu corpo fica mole.

— *Mamãe!*

Fico de pé, corro para o telefone e ligo para a emergência. Confirmo o endereço. *Não, ela não está responsiva*. *Sim, ela vem passando por quimioterapia*. Ela faz um barulho esquisito novamente. Largo o telefone e corro de volta para ela, virando-a. Fico morrendo de medo que ela se afogue no próprio sangue.

Corro para fora e vejo um homem tirando algo de um carro.

— Socorro! — grito e corro de volta para minha mãe.

O homem abre a porta. Ele é loiro e está coberto de tatuagens, mas não me importo. Ele poderia ser um assassino em série e ainda assim ficaria feliz se *qualquer um* me ajudasse. Puxo a minha mãe para que ela fique reclinada contra mim, apoiada pelos meus braços. Ela está semiconsciente.

— Me ajude! — Imploro.

Ele corre para a frente, e uma mulher entra atrás dele.

— Ligou para a emergência? — ele pergunta.

— Eles estão no telefone — falo. A mulher pega o telefone e começa a falar com o atendente.

— Estão a caminho — ela grita e fica no telefone com eles enquanto o homem se ajoelha perto de mim.

— Meu nome é Matt — ele fala. Sua voz é calma, embora seus músculos

sejam grandes. Seus olhos são tão sérios perante a situação. — Que tipo de tratamento ela faz? — ele pergunta.

— Eu... eu não sei — respondo. De repente, odeio esse *eu não sei*.

Ele pega a ponta da toalha e enxuga o rosto da minha mãe muito suavemente. Por que não pensei nisso antes?

— Qual é o seu nome? — ele me pergunta.

— Carrie — murmuro e começo a me balançar. Minha mãe geme em meus braços, então eu paro. A abraço com mais força, porque não sei mais o que fazer.

— Carrie — ele fala suavemente —, posso segurar sua mãe um pouco para que você possa se vestir? — Olho para baixo e vejo que estou de camiseta e short de dormir. — Você vai querer ir na ambulância. Quero que você esteja pronta. — Ele faz um gesto como se tivesse pedindo permissão para tirá-la de cima de mim.

Saio de baixo dela, e ele gentilmente toma meu lugar. Ele sente seu pulso, ao mesmo tempo que fala algo para a mulher que está com ele. Corro até o quarto e visto um short jeans e sutiã. Nem mesmo tiro o short de dormir. Não tenho tempo. Corro de volta para a minha mãe.

Os paramédicos estão na casa agora com uma maca.

— Vocês estão sozinhas aqui, Carrie? — Matt pergunta.

Eu concordo.

— Precisa ligar para alguém para contar sobre isso? — ele pergunta.

— Meu pai — falo. Dou um passo para trás quando um paramédico passa correndo por mim. — Ela está bem? — pergunto, hesitante. Ninguém responde.

— Você quer dar a Sky o número do seu pai para que ela possa ligar para ele?

Olho para ele. Seus olhos estão suaves.

— O quê? — pergunto. Eu o ouço claramente, mas não tenho ideia do que ele está falando.

— Precisamos contar para seu pai o que está acontecendo — ele fala gentilmente.

— Posso fazer isso. — Pego o celular do bolso e digito o número dele. Toca duas vezes.

— Carrie? — meu pai grunhe. Sua voz está rouca de sono. — O que houve?

Minha voz falha.

— Pai — eu sussurro.

— O que foi, Carrie?

Eles levam a minha mãe na maca para fora e eu os sigo. A mulher que o vizinho chamou de Sky coloca um par de sandálias nos meus pés. Continuo andando, o telefone pressionado contra o meu rosto molhado. Vejo quando eles colocam a minha mãe na ambulância.

Eles acenam para que eu suba e, assim que faço, me prendem com um cinto de segurança.

— Carrie! — meu pai grita atráves do telefone. As portas da ambulância se fecham. — Carrie, fale comigo!

Engulo em seco.

— Acho que perdi a chance de ter meu último instante inesquecível.

NICK

Meu colchão cede sob o peso de alguém, e eu rolo para o meio da cama.

— Nick — alguém me chama com impaciência. Abro os olhos e vejo Jack.

— Saia da minha cama, Jack — falo e enfio o rosto no travesseiro, puxando-o para cima da minha cabeça, me escondendo.

— *Nick* — ela fala, um pouco mais impaciente. Empurra meu ombro. — Levante-se!

Abro os olhos.

— Por quê? — Ela está vestida e os olhos focados. Ela não está bêbada.

— É a Carrie — diz.

Meus olhos se abrem.

— O que tem ela?

Ela se levanta e abre as gavetas, me entregando uma calça e camiseta.

— Vista-se — ela fala. — É a mãe dela.

Começo a vestir a calça.

— O que há de errado com ela?

— Minha tia trabalha no hospital e estava lá quando a levaram, mas ela não pode me dar mais informações. A Carrie está sozinha, exceto por alguns homens estranhos que ninguém conhece. — Ela me empurra novamente. — *Vá* — ela fala e aponta para a porta.

Enfio meus pés no tênis. Passo por Jack e paro rapidamente para beijá-la na testa. Ela faz uma careta e me empurra, limpando a testa com a mão.

— Eca — ela fala, mas sorri.

— Obrigado — falo.

Ela volta para a minha cama e puxa as cobertas sobre o queixo.

— Vou ficar bem aqui — ela fala.

Não tenho tempo para tirá-la da minha cama, então a deixo ficar. Ela não pode mesmo ir para casa no meio da noite. Apago a luz quando saio.

Entro no jipe velho do meu pai e vou para o hospital. Não é muito longe, mas parece que leva uma eternidade antes de eu ver as grandes placas que indicam que estou perto da emergência. Finalmente chego e estaciono.

Atravesso as portas de emergência e lá está ela. Sentada em uma cadeira com as pernas dobradas apoiando o queixo, como se estivesse tentando se enrolar em uma bola. Matthew Reed está sentado ao lado dela, e eu quase paro e olho duas vezes ao vê-lo.

— Carrie! — chamo. Ela se assusta e olha para mim, os olhos cheios de lágrimas imediatamente.

— Nick — ela fala quando paro na sua frente. Ela está em meus braços antes que eu possa piscar. Soluços estremecem seu corpo, e de repente ela parece tão pequena.

Ela me derruba; caio sentado no chão e ela em meu colo. Não conseguiria afastá-la de mim nem com um pé de cabra, mas eu não faria isso de jeito nenhum.

Esfrego suas costas e seus cabelos até que ela se acalma. Ela funga e limpa o nariz na minha camisa.

— Desculpe — sussurra.

Rio e a abraço com força.

— O que aconteceu? — pergunto. — Como está a sua mãe?

Ela funga de novo e enterra a cabeça na minha camisa.

Matt fala por ela, graças a Deus.

— Ela está tendo uma reação à quimioterapia. É bastante normal, mas realmente assustador.

Cumprimento Matt.

— Obrigado por vir com ela.

Ele sorri e aperta a minha mão.

— Sem problemas.

De todas as pessoas no mundo, um dos Reed veio com ela para o hospital.

Olho para cima e vejo Paul entrando. Meu coração quase para. Ele entrega uma xícara de café a Matt.

— Ei, Nick — ele fala.

Puta merda. Ele falou o meu nome. Ele se lembra de mim.

— Paul — falo com um aceno.

Carrie olha para cima.

— Vocês se conhecem?

Matt concorda.

— Nick foi gentil e nos conseguiu um pouco de lenha. — Ele enfia a mão no bolso. — Ainda lhe devo por isso.

Aceno para ele.

— Sem problemas. Não me custou nada.

Ele guarda a carteira.

— Obrigado, cara — ele fala e sorri para mim.

— Posso vê-la? — Carrie pergunta com a voz chorosa.

Paul balança a cabeça.

— Encontrei com a enfermeira no corredor. Ela disse que chamaram o oncologista da sua mãe e ele está com ela agora. Ele virá falar com você em poucos minutos.

— Não é bom, não é? — ela pergunta.

Ele balança a cabeça e olha para Matt.

— Provavelmente não — ele responde.

— Eu errei, Nick — ela fala. — Estraguei o meu instante inesquecível — ela sussurra, olhando para mim. — Por que fiz isso?

— Shh. — A puxo contra mim. — Ela ainda está aqui. Você não perde a chance até o último instante. Ainda há tempo.

— Eu realmente estraguei tudo.

— Shh — falo novamente, porque não sei como consolá-la.

Eu a abraço até que o médico sai para falar com ela. Ela se arrasta para fora do meu colo e se senta em uma cadeira. Me sento ao seu lado.

O médico olha para ela por cima dos aros dos óculos.

— Eu disse para sua mãe não fazer mais a quimioterapia — ele fala e

solta uma respiração pesada. — Ela tinha uma escolha entre ter quatro boas semanas ou seis semanas ruins, mas optou por semanas ruins, pois disse que tinha alguns negócios inacabados. Mas neste momento, não posso continuar a quimioterapia. É hora de parar.

Carrie estremece ao meu lado, então eu pego a sua mão e a aperto.

— Ela vai parar com a quimioterapia? — Carrie pergunta.

Ele assente.

— Quanto tempo ela ainda tem? — ela pergunta.

Meu coração se aperta por ela e já me sinto como se alguém tivesse aberto meu peito e eu estivesse sangrando no chão, mas estou apenas observando. Não posso nem imaginar como ela se sente.

— Cerca de um mês. — Ele olha para suas anotações. — Todos devem ir para casa. Ela não pode ver ninguém até amanhã.

Ela fica de pé.

— Nem eu?

Ele balança a cabeça, mas Paul, Matt e eu nos levantamos.

— Dê a ela dois minutos — Matt pede.

O médico nega novamente.

— Dois minutos! — Paul resmunga. Ele é grande e fisicamente intimidante. Posso dizer que o médico fica um pouco abalado. — Dois minutos — Paul fala mais calmamente.

O médico concorda.

— Certo. Dois minutos. Venha comigo. — Ele faz um gesto com os dedos para Carrie. Matt vai com eles.

Fico no corredor com Paul.

— Obrigado — falo.

Ele dá de ombros como se não fosse nada.

Então me lembro de Matt. Lembro do seu tratamento contra o câncer e de repente sei por que ele está aqui. — O Matt vai ficar bem com isso? — pergunto.

Paul concorda.

— Se ele não viesse, não ficaria bem. Ele ficaria preocupado e desejaria

ter feito algo por ela.

— É por isso que você veio com ele?

Ele dá de ombros novamente.

— É o que fazemos.

Eu gostaria de ter alguém que fizesse isso por mim.

— Se os tabloides souberem que estamos em um hospital, vão anunciar amanhã que um de nós teve uma overdose ou algo assim. — Ele ri.

É fácil esquecer que eles são famosos.

— Vocês deveriam ir embora antes que alguém apareça com uma câmera.

Ele balança a cabeça.

— Vou esperar por Matt.

Carrie volta apenas um minuto depois e parece mais calma do que estava quando entrou.

— Você está bem? — pergunto. Envolvo meu braço ao seu redor e a puxo para beijar sua bochecha.

— Estou — ela fala. — Vão mantê-la aqui pelo menos esta noite.

— Seu pai está vindo?

— Ele está a caminho.

— Ok — falo. — Está pronta para ir? Estou com o jipe lá fora.

— Podemos levá-la — Matt fala.

Balanço a cabeça.

— Posso fazer isso. — Não vou deixá-la. Não agora.

Matt faz sinal em direção a porta da frente e eu o sigo. De repente, ele se vira e me puxa para perto, sua mão forte no meu pescoço. Estremeço, mas não reajo.

— O pai dela não está aqui e não há ninguém para cuidar dela enquanto está vulnerável. Então, por que eu deveria confiar em você para fazer isso? — Ele olha nos meus olhos.

— Eu não tiraria proveito dela — falo. Dou de ombros ainda preso em seu aperto, e ele parece surpreso. — Na verdade, sou o único que vai protegê-la de qualquer coisa. Portanto, não presuma que você pode me intimidar.

Ele sorri.

— Gosto de você. — Ele dá um passo para trás. — Vejo vocês na parte da manhã! — ele fala por cima do ombro. Paul o segue para a caminhonete, parando por apenas um momento para me dar uns tapinhas no ombro e falar:

— Bom garoto.

Dou uma risada. Paul está falando comigo como se eu fosse um cachorro.

— Vá se foder — falo, recuando. Ele apenas ri de mim. Vi todos os palavrões que saíram da sua boca durante o programa. Duvido que eu poderia surpreendê-lo.

Balanço a cabeça e me viro para Carrie. Ela boceja e parece que mal consegue ficar em pé.

— Vamos — falo. — Vamos para casa.

Chegamos na sua casa e ela salta do jipe. Entro com ela, que vai direto para o quarto. Será que ela quer que eu a siga? Faço isso de qualquer maneira, pois não quero ficar longe dela. Sinto como se ela fosse se quebrar e preciso estar lá para segurá-la. Talvez até mesmo para juntá-la novamente.

Ela entra de baixo das cobertas e tira o short jeans. Em seguida, faz o truque que as mulheres devem aprender quando nascem, tirando o sutiã e o puxando pela manga.

— Fica comigo? — ela pede calmamente e olha para mim, observando meu rosto. Puxo o outro lado da coberta e tiro o tênis. Deslizo debaixo das cobertas ainda vestido e ela se encaixa em mim.

— Tive mais um minuto — ela fala calmamente. — Dois, na verdade.

Ela deita com a cabeça no meu peito e envolve o braço ao redor do meu com tanta força que ele passa para o meu outro lado.

— Como foi? — pergunto.

— Foi.

— Bom?

— Sim. — Ela solta um suspiro. — Obrigada.

Beijo sua testa.

— Por nada.

Ela boceja contra o meu peito e posso sentir o hálito quente de sua respiração através da minha camisa.

— Você não vai embora, vai? — ela pergunta em voz baixa.

— Não, eu não vou.

— Promete?

— Sim, prometo.

— Bom. —Ela se aconchega no meu peito e imagino que os nossos batimentos cardíacos se alinham, assim como a nossa respiração e nossos corpos. Não tenho certeza de que os nossos mundos podem se alinhar tão facilmente.

Algumas horas provavelmente se passaram quando ouço a porta se abri. Acordo assustado e olho para cima para encontrar seu pai de pé ao lado da cama, olhando para mim. Em seguida, ele se vira e sai. Ele deixa a porta aberta, então saio da cama e o sigo até a cozinha, onde ele está tirando uma garrafa de água da geladeira.

— Sr. Michaels — falo.

— Nick. — Ele não olha para mim. Só para a geladeira.

— Hum... — Balanço o polegar em direção ao quarto. — Só estava fazendo companhia a Carrie. Eu não queria que ela ficasse sozinha.

— Hum-hum — ele grunhe.

— Sério, senhor — falo. — Eu não... eu não... — Merda. Passo a mão pelo rosto.

Ele olha para mim.

— Você não poderia fazer companhia a ela sem estar na sua cama?

— Bem, ela meio que precisava de mim, senhor.

— Precisava de você na cama? — Suas sobrancelhas se ergueram.

— Ela precisava que alguém a abraçasse. Estava tendo um momento muito difícil.

— Pai? — Carrie chama do corredor.

— Care — ele fala em voz baixa.

Ela o abraça e ele a segura com força.

— Estou tão feliz por você estar aqui.

Ele me olha por cima da cabeça dela. Em seguida, se afasta.

— Nada de garotos no quarto, Care — ele fala.

— Ah, sim. — Ela olha para mim timidamente. — Me desculpe por isso. Nós não estávamos fazendo nada. Não foi nada.

— Não se parecia com nada — ele fala e inclina a cabeça. — Parecia com alguma coisa. Pais não gostam de algumas coisas quando se trata de suas filhas.

Ela ri.

— Eu entendo, pai. — Ela estende a mão para o meu lado. — Nick pode ficar?

Ele bufa.

— Não na sua cama.

Ela assente, e ele a beija na testa.

— Vou me deitar. Quero ver sua mãe logo cedo.

Ele vai para o quarto principal e fecha a porta atrás de si.

Carrie grunhe.

— Aquele é o quarto da minha mãe — ela fala.

Afasto o cabelo do seu rosto.

— Acho que ele sabe disso.

— Obrigada por ficar.

— Por nada.

— Vai ficar mais um pouco? — Ela olha para mim, piscando aqueles grandes olhos. — Venha se sentar no sofá comigo.

Concordo.

— Ele vai ficar com raiva de mim por isso?

Ela ri.

— Se ele estivesse com raiva mesmo, não teria ido para a cama.

Ela me leva para o sofá, e eu me sento. Ela se senta no meu colo e encaixa a cabeça embaixo do meu queixo. Então começa a falar.

Ela me conta tudo o que aconteceu com a mãe, o casamento dos pais e o namorado. Depois que acaba de colocar tudo pra fora, ela se inclina contra mim. Eu a abraço até que sua respiração esteja estável e ela, dormindo. Então

fecho meus olhos também.

CARRIE

Acordo sozinha no sofá. Quando fui dormir, Nick estava enrolado ao meu redor, mas agora ele se foi. Meu pai está sentado à mesa, falando com alguém. Num primeiro instante acho que é Nick, mas não é. É o homem de ontem à noite e sua esposa, a moça que falou com o atendente da emergência para mim.

Me levanto, vou vestir algo que não seja o pijama e me junto a eles. Toco e balanço levemente o ombro do meu pai. Sua mão cobre a minha. Me abaixo e beijo a sua bochecha.

— Já falou com a minha mãe hoje?

Ele assente.

— Ela está acordada e pronta para voltar para casa. — Ele passa a mão pelo rosto. — Só preciso desmontar a cama e tirar algumas coisas do quarto, aí vou buscá-la.

— Por que precisa desmontar a cama?

— Querida, o hospital vai mandar uma cama hospitalar e suprimentos. — Ele para e me olha.

— Ah — murmuro.

Matt resolve o impasse.

— Por que não deixa que meus irmãos e eu resolvemos isso para você? Podemos fazer muito mais rápido. E já fizemos isso antes.

— Ah, não — meu pai protesta. — Não podemos deixar que vocês façam isso.

Matt balança a mão no ar.

— Não é nada demais. E meus irmãos não vão ficar satisfeitos a menos que você nos deixe ajudar. Eles estavam morrendo de vontade de vir desde ontem, mas eu disse que não podiam. — Ele ri. — Eles são intrometidos.

— Por que vocês se importam? — deixo escapar.

— *Carrie*. — meu pai me repreende com apenas uma palavra, e o calor sobe para o meu rosto.

— Sinto muito — murmuro e me ocupo em me servir uma xícara de café.

Matt puxa a manga da camisa e me mostra a tatuagem do laço do câncer no braço.

— Sou um sobrevivente.

Me sento em uma cadeira ao lado do meu pai.

— Câncer?

Ele assente e toma um gole de café.

— Sim. — A mão da sua mulher desliza sob a dele na mesa, e ele olha para ela com um sorriso.

— Foi assim que nos conhecemos — ela fala e acena para mim. — Sou Sky, a propósito.

— Você o conheceu enquanto ele estava com câncer? — meu pai pergunta.

Ela balança a cabeça.

— Na verdade, nos conhecemos por causa dos nossos filhos. Matt conheceu a minha meia-irmã quando ambos estavam em tratamento. Ela tinha três filhos e eu fiquei com eles quando ela morreu. E conheci o Matt durante o processo. Eles me cativaram. As crianças e o homem.

— Para encurtar a história — Matt fala —, ficaríamos felizes em organizar os móveis para que você possa resolver outras coisas. — Ele balança o dedo em direção ao corredor. — Quer me mostrar o que precisa ser mudado?

Meu pai o segue pelo corredor e eu os observo. Sky fala suavemente.

— Matt tem um bom coração. Ele enfrentou a própria mortalidade mais de uma vez, então sabe o que a sua mãe está passando.

— Mas ele sobreviveu — falo. A emoção cresce dentro de mim quando menos espero e tenho que engolir em seco para afastá-la. — A minha mãe não vai.

— Eu sei — ela responde. Seus olhos lacrimejam, e ela pisca para segurar

as lágrimas. Ela não diz nada. Só olha para o café. Finalmente, ela fala baixinho:

— Você tem sorte, sabe?

Ergo a cabeça e fungo.

— Como assim?

— Meu filho mais velho, Seth, daria tudo para ter mais alguns minutos com a mãe. Então, não leve isso como garantido.

— Tenho sido um pouco ruim ultimamente — admito.

Ela ri.

— Você é adolescente. Isso faz parte do pacote. A sua mãe sabe disso.

— Não tenho agido assim com relação as coisas normais da adolescência, como roupas, provas e garotos. É mais no que diz respeito à vida.

— Às vezes, a vida nos convence que é uma droga. E, às vezes, nós nos convencemos que somos uma droga. Acontece. Você vai superar isso. Seria capaz de apostar que a sua mãe não vai usar isso contra você.

Olho em seus olhos.

— Jura?

— Sou mãe. Então, sim, eu juro.

Eu concordo.

Meu pai e Matt voltam para o corredor e param para apertar as mãos. Matt e Sky saem de mãos dadas, e meu pai sai para buscar minha mãe. Olho ao redor e me pergunto o que raios eu deveria estar fazendo. Mas, em seguida, uma batida soa na porta e Matt entra. Os materiais hospitalares chegam e ele vai mostrar onde tudo deve ser colocado. Quatro homens parecido com Matt o seguem, junto com um que não se parece em nada.

Matt apresenta os irmãos e o filho, Seth. O rapaz é tão lindo que eu gostaria de ter me penteado quando acordei.

Eles ficam ocupados sem pedir a minha ajuda, e desmontam a cama da minha mãe, abrindo espaço suficiente no quarto para uma cama de hospital e equipamentos. Não demora muito e eles reorganizam todo o quarto.

Eles saem da mesma forma que chegaram, sem pedir qualquer coisa. Os dois que são quase idênticos batem na mão um do outro e beijam Seth na

bochecha. Seth os empurra e os prende, até que Paul grita para que eles briguem do lado de fora. Eles correm pela porta, se desculpando.

— Nos vemos mais tarde — Matt fala. Ele sai, mas então enfia a cabeça de volta pela porta. — Você está bem? — Sua testa franze.

De repente, me lembro que não sei o que aconteceu com Nick.

— Sabe onde o Nick está? — pergunto.

Ele sorri.

— Ah, seu pai o colocou para fora do sofá esta manhã e disse para ir para casa. Ele disse que veria você esta noite.

Coço a cabeça.

— Meu pai o colocou para fora do sofá?

Ele ri.

— Você deve perguntar a ele sobre isso. — Ele acena novamente. — Até mais! — Então, desaparece.

Agora preciso encontrar Nick e perguntar o que aconteceu entre ele e meu pai. Mas a minha mãe vai chegar em casa logo.

NICK

Minha cabeça não está focada no trabalho. Está em Carrie. Na noite passada, dormi na cama dela até que seu pai chegou em casa. Segurá-la perto de mim pareceu... certo. Era a única coisa que parecia certo para mim há um bom tempo. Sinto que meus dias são dedicados apenas aos trabalhos. Às noites, tenho ainda mais trabalho. É tudo o que posso fazer para manter a casa dos meus pais na praia.

Me lembro de quando eles a compraram. Estavam tão animados. Pagaram à vista e disseram que ficariam lá enquanto trabalhavam para conseguir algo um pouco maior. Esse dia nunca aconteceu. Mas ficamos felizes de toda forma. Eu ficaria lá para sempre, mas os impostos sobre a propriedade e seguro estão me matando.

Quando olho para Carrie, vejo possibilidades. Vejo um futuro que esqueci ser capaz de ter. Vejo faculdade, namoro e casamento. Eu poderia até mesmo ver crianças um dia. Mas agora, nunca vou ter o futuro que quero porque estou trabalhando muito.

Jogo uma lata de atum na prateleira um pouco forte demais e o gerente da loja fecha a cara para mim.

— Se amassar, você paga — ele fala.

Olho para ele. Seria bom comprar uma lata de atum, pois meus armários estão vazios. Vivo principalmente de favores. Tem tantas pessoas que me devem favores que sempre tenho o suficiente para comer, mas nada além. Assim como quando peguei a lenha para os Reed — faço isso o tempo todo. Recebo de uma pessoa para dar à outra, acumulando os favores. Então, às vezes, eu os cobro. O resto, deixo na conta. Pela lenha, ajudei um cara a limpar o peixe que ele pegou depois de pescar. Fiquei cheirando a peixe pelo

que pareceu ser uma semana, mas ele me deu um pouco para que eu levasse para casa e podia usar a lenha dele quando precisasse.

É assim que a minha vida funciona. Às vezes, sinto que estou vendendo o almoço para pagar a janta. Estou cansado. Muito cansado.

Olho pela loja e vejo dois dos Reed andando pelos corredores. Cada um tem uma criança no colo, e há três meninas andando com eles.

— Oi, Nick — Paul fala e bate na minha mão quando passa. Ele coloca uma das crianças no chão para olhar uns baldes e a criança se arrasta mais rápido do que qualquer coisa que já vi. Paul pula e o pega antes que ele possa ir direto para o expositor de bolachas cream cracker. Paul faz cócegas em sua barriga, e ele se contorce, o rostinho se curvando em um sorriso.

— Posso ajudá-lo a encontrar algo? — pergunto, ficando de pé.

Paul estende o garoto com os pés balançando para mim.

— Segure-o por um segundo — ele fala. Eu o pego e o apoio em meu quadril. Ele enfia os dedos na boca e então baba e enfia na minha. Que nojo.

— Qual é o nome dele? — pergunto, me afastando dos dedos babados.

— Esse é Matty — Pete fala. Ele me empurra o outro. — Segure esta por um segundo também. — Ele coloca a menina no meu quadril. — Comporte-se, Hoppy — ele fala com um movimento do dedo. Ele segue Paul e as três meninas para o outro corredor.

A menina não gosta de mim tanto quanto o menino, e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Hum, caras — chamo. Mas eles foram para outro corredor. Droga. Não tenho a menor ideia do que fazer com os bebês. — Ei — chamo.

— Ei — a menina ecoa e sorri.

— Ah, você sabe falar — digo e ela pula, balançando os braços. Ela está vestindo um traje de banho e um chapéu pequeno. Eles devem ter acabado de colocar protetor solar nela porque ela cheira a coco e está um pouco escorregadia. Particularmente quando ela faz essa coisa de pular como agora.

Matty ainda tem os dedos enfiados na minha boca e eu percebo que tem gosto de algo como manteiga de amendoim. E geleia? Sim. Definitivamente geleia. Acho que poderia ser pior.

Paul aparece e traz um balde.

— Azul, tá, Hop? — ele pergunta.

Ela balança um pouco mais os braços, e ele coloca a alça do balde de plástico em seus dedos. Ela imediatamente os balança de novo e me bate na cabeça com ele. Paul ri e volta para o outro corredor. Então, ele retorna com um amarelo. Corro para o outro corredor antes que ele possa dar a Matty. Uma criança batendo na minha cabeça é ruim o suficiente.

Quando me viro, me deparo com Carrie.

— Ah, meu Deus — ela suspira, mas imediatamente irrompe com uma risada.

— Estou morrendo aqui — falo.

— Quer ajuda?

— Por favor.

Ela para em frente a Hoppy, bate palmas e faz uma cara boba. Hoppy salta e bate com o maldito balde nos meus olhos. Mas ela vai para o colo de Carrie, sem se queixar. Graças a Deus.

— Que balde grande — Carrie fala com voz de bebê. Esfrego meu olho. É um balde enorme. Ela o tira da mão da menina e o substitui por uma bola macia que pegou em uma prateleira ali perto. Hoppy imediatamente enfia na boca. — Acho que eles precisam provar antes de brincar — Carrie me diz.

Aponto para o meu.

— Este tem sabor de manteiga de amendoim e geleia.

Carrie dá de ombros.

— Poderia ser pior. — Ela ri.

— Verdade. — Solto um suspiro por entre dedos.

— Você foi embora antes que eu pudesse me despedir — ela fala calmamente.

Ajeito Matty no quadril, porque ele está começando a se contorcer.

— Ah, sim. Seu pai me expulsou.

— Não acredito! — ela protesta.

Eu concordo.

— Expulsou, sim.

Suas sobrancelhas franzem.

— Por que ele fez isso?

— Hum, bem... — É terrivelmente inadequado dizer que os caras acordam de pau duro pela manhã, e que os pais não gostam muito. Então, eu só falo:

— Ele não gostou de eu ter dormido lá. — Dou de ombros. — Não posso dizer que o culpo.

— Gostei de ter você lá — ela fala calmamente. Seu rosto fica vermelho e posso ver o pulso saltar na base do pescoço.

— Posso te ver hoje à noite? — pergunto. — Se os seus pais não se importarem.

Ela assente.

— Eu adoraria.

Olho para o relógio.

— Meu turno como salva-vidas é das duas às oito.

— Ok — ela responde.

Paul e Pete voltam.

— Oh, ei, Carrie — Paul fala. Ele pega o bebê do colo de Carrie, mas me deixa com o meu. — Você é ótima com ela. Costuma trabalhar como babá?

Ela assente.

— Às vezes.

— Bem, avise se estiver interessada. Uma ajuda de vez quando seria bom.

Ela assente novamente e sorri.

— Ok.

Paul estreita os olhos para mim.

— E você, Nick? Trabalha como babá?

Assinto também. Faço praticamente qualquer coisa que renda algum dinheiro.

— Às vezes.

— Bom — ele fala com um aceno. — Pode ser que precisemos dos dois para manter todos na linha.

— Quantos são? — Carrie pergunta.

— Muitos — Pete responde. — Às vezes, mal posso conta-los.

Ela ri.

— Avisem se precisarem de ajuda.

— Vamos precisar — Paul fala. Pete pega Matty de mim. Em seguida, Matty solta o peido mais alto que já ouvi, e Pete geme.

— Juro por Deus que não fui eu — Pete fala, erguendo a mão como se estivesse testemunhando.

— Não posso acreditar que você está creditando um peido como esse a um bebê indefeso — Paul fala, mas está rindo também, e eu não consigo me segurar.

— Você vai trocá-lo — Pete adverte quando eles saem pela porta. As meninas os seguem, com baldes, pás e outros brinquedos de praia nas mãos.

— Precisa de ajuda para encontrar alguma coisa? — pergunto a Carrie. Eu só queria uma desculpa para falar com ela um pouco mais.

— Flores — ela fala. — Quero comprar flores para a minha mãe.

— Qual é a favorita dela?

— Não sei. — Ela morde a unha do polegar. — Ela gosta de rosas.

Minha mãe gostava de rosas também. Então sei exatamente onde ela pode conseguir alguma coisa. Eu a oriento a ir para a minha casa e digo a ela para pegar quantas ela quiser.

— Não posso fazer isso — ela reclama.

— Pode, sim. Alguém precisa apreciá-las.

— Tem certeza?

— Sim. A minha mãe ia gostar de saber que a sua mãe está apreciando as rosas dela.

— Ok, obrigada. — Ela sorri timidamente para mim.

— Posso vê-la hoje à noite? — pergunto novamente.

Ela assente. Em seguida, fica na ponta dos pés e pressiona os lábios na minha bochecha. Ela fica apenas o tempo suficiente para eu sentir seu cheiro, e então se vai.

Mas vou vê-la mais tarde. Esse pensamento me aquece por inteiro e sinto algo que não tenho sentido há um bom tempo.

Esperança.

CARRIE

Quando chego em casa, o carro do meu pai já está lá. Tenho um grande buquê e vários dedos espetados. As rosas têm espinhos quando se corta diretamente do arbusto. Levo meu polegar ferido à boca e tento fazer com que a dor passe. Não funciona.

Entro em casa e não vejo meus pais em qualquer lugar, então vou para a cozinha e coloco as rosas em um vaso. Sigo para o quarto dela, abro a porta e paro. Ouço um murmúrio no banheiro e sigo na ponta dos pés até que possa vê-los.

Paro. O vaso de rosas se inclina e a água escorre para o chão. Endireito o vaso e passo o pé pelo local para espalhar a umidade. Fico muito quieta para que eles não saibam que estou lá.

Minha mãe está nua, reclinada na banheira. Meu pai está ajoelhado ao lado dela e esfrega uma esponja com sabonete sobre seus ombros. Ele está com a mesma roupa de hoje de manhã, mas ela não está usando nada. Ele a está ajudando a tomar banho. O quê?

Minha mãe segura a mão dele, e ele para com um suspiro.

— Você não pode contar a ela. Se fizer isso, ela vai nos odiar muito.

Meu pai recosta a testa no joelho dela que está erguido e respira pesadamente. Eu mal posso ouvir a sua voz, o som é abafado como se ele estivesse chorando.

— Tenho que contar a ela — ele fala. — Vou fazer isso quando ela voltar. Imediatamente. Eu deveria ter contado há muito tempo.

Minha mãe tem olheiras sob os olhos e está fungando também. Não sei o que aconteceu quando fui embora, mas quero saber. Quero saber isso.

— Acho que você não deveria — minha mãe fala.

Meu pai coloca mais sabonete na esponja e pega o braço dela, lavando-a

lentamente e com ternura. Com intimidade. Como amantes. Como marido e mulher. Ele passa a esponja sobre as cicatrizes da mastectomia com movimentos lentos.

— Gostaria de ter passado por isso com você — ele fala.

— Perdi o rumo quando descobri, John.

— Eu sei. Isso não torna as coisas melhores.

— Não vai ficar melhor. — Ela segura a mão dele novamente e a mantém apertada contra o coração. — Tenho um mês, se muito. Você pode ficar?

Meu pai para. Um soluço sacode seus ombros.

— Venha aqui — minha mãe fala e abre os braços, se sentando um pouco. Ela o abraça, e ele passa a mão para cima e para baixo do seu corpo nu.

— Tanto tempo perdido — ele fala. — Não quero perder mais.

Quase posso ver a minha mãe relaxar visivelmente. Ela se afasta um pouco e olha para o rosto dele.

— Tem certeza? — ela pergunta em voz baixa.

— Eu te amo, Pattycakes. Sempre te amei. Deixe-me ter este último mês.

— Ok — ela fala calmamente. Em seguida, o beija. E ele a beija de volta. É suave e doce no início, e então se torna mais. Mais do que me sinto confortável em ver. Deixo as rosas sobre a cômoda e saio do quarto. Deixo um bilhete e vou me encontrar com Amber e Rose, fingindo que não vi o que vi. Principalmente porque não sei o que fazer com isso.

Às oito horas, deixo Amber e Rose, apesar de seus protestos. Vou para casa, mas só porque sei que Nick vai estar lá. Ele vai me encontrar e espero que me faça esquecer de tudo o que está acontecendo entre meus pais.

Entro pela porta de trás e encontro minha mãe de pé na cozinha. Ela olha para cima, e seu rosto cora. Será que ela sabe que eu sei? Meu pai está em pé ao seu lado, cortando legumes. Ela está tomando uma taça de vinho e não consigo evitar, mas isso me faz lembrar de como as coisas costumavam ser antes que ela estragasse tudo. Éramos felizes. Éramos desse jeito.

— Carrie — minha mãe fala. —, que bom que voltou. Bem na hora do

jantar.

— Como está se sentindo? — pergunto.

— Muito melhor. Me desculpe por ter te assustado ontem à noite.

Aceno e roubo um pedaço de abobrinha que meu pai está cortando. Ele bate na minha mão com um rolo de papel alumínio.

— Você parece muito melhor do que na noite passada — falo para ela.

— Eles fizeram uma transfusão. Me deram plasma. Algo assim. Só de ter parado a quimioterapia já melhora.

Meu pai lhe passa a faca.

— Se sente bem o suficiente para cortar? — ele pergunta.

— John — ela adverte. — Não faça isso.

Olho de um para o outro.

— Não faça o quê?

Ela balança a cabeça e começa a cortar.

— Vamos dar uma caminhada — meu pai fala. Ele balança a cabeça em direção a porta de vidro que leva à praia.

Minha mãe morde os lábios como se quisesse dizer algo, mas não o faz. Ela só fica ali, cortando os legumes.

Meu pai e eu saímos para a areia, e ele parece calmo enquanto caminhamos até a água.

— O que você quer falar? — pergunto, quando nos viramos para o farol.

Ele não fala nada. Só olha para o horizonte e morde a parte interna da bochecha. Espero. Finalmente, ele olha para mim.

— É preciso duas pessoas para fazer um casamento — ele fala.

Espero, porque não acho que ele tenha terminado.

— E duas pessoas para terminar um casamento — ele continua a falar.

— Cerrrto — falo lentamente, arrastando a palavra.

— Sua mãe e eu tínhamos um ritmo. Eu estava acostumado a ele. Ela também. Mas ela estava se esforçando mais do que percebi.

Caminhamos em silêncio.

— Deveria ter percebido — ele fala. — Ter prestado mais atenção, mas eu estava ocupado com o trabalho e nós dois estávamos ocupados com você.

Caminhada. Silêncio.

— Sua mãe estava muito deprimida, e eu não percebi. Ela veio até mim e disse o quanto estava infeliz, e eu estraguei tudo, porque tínhamos a vida perfeita. Nossa filha era maravilhosa, eu tinha um bom emprego, uma casa grande. Vivíamos o sonho americano. Mas seu sonho era um pesadelo, e eu não percebi.

Mais caminhada. Mais silêncio.

— Achei que ela ia melhorar. Mas não aconteceu. Então, um dia, ela partiu. Agora eu sei que era sua maneira de se isolar, alimentada pela depressão. Mas, na época, culpei um homem que nem existia. Sua mãe jamais me traiu. Ela foi embora. Mas fez isso porque se sentia sozinha, mesmo numa casa cheia de pessoas. Mesmo em uma sala lotada, ela se sentia como se ninguém estivesse com ela.

— Não havia nenhum homem?

Ele balança a cabeça.

— Jurei que tinha, porque que outro motivo ela teria para ir embora? — Ele ergue as mãos. — Eu acreditava com todo meu coração que havia outra pessoa.

— Ainda assim, ela foi embora, pai.

— Ela foi porque precisava, não porque queria, Carrie. É isso o que você precisa saber.

— Ela nunca veio me ver, pai — eu protesto. — Nem uma única vez.

Ele para de andar e vira meu rosto para ele, segurando meus ombros. Ele olha nos meus olhos.

— Eu não deixei. Ela tentou. Mas eu estava amargo, com ciúme e raiva, e não queria deixá-la voltar para nossas vidas. Nem mesmo para a sua.

Suspiro. Não acredito que ele tenha feito isso.

— Ela *tentou*?

— Sim, tentou. Ela tentou mesmo. Começou a se consultar com um médico por causa das dores de cabeça. Você se lembra como costumavam ser horríveis?

Eu concordo.

— Ele prescreveu um antidepressivo de baixa dosagem para a dor, e ela imediatamente começou a se sentir melhor, como se pudesse lidar com as coisas. Então, ela começou a terapia, foi medicada com a dose correta, começou a se exercitar e viver novamente.

— Mas, ainda assim, ela não voltou.

— Ela estava prestes a voltar. Então, ficou doente pela primeira vez. Ela decidiu que não via você há muito tempo e não queria que você a visse doente. Então, passou pelo tratamento e pela mastectomia sozinha. — Ele tensiona o queixo e seus olhos se enchem de lágrimas. — Nunca vou me perdoar por não ter passado por isso ao lado dela.

— Mas, mesmo assim...

Ele levanta a mão.

— O câncer nunca foi embora. Ela continuou fazendo tratamento, mesmo depois da cirurgia. Ela não parava de pensar que ficaria melhor, mas isso não aconteceu. Então, ela pediu para ficar com você neste verão, embora soubesse que estava no fim. Os tratamentos não estão dando resultado, e ela vai morrer. E tudo porque eu não prestei atenção suficiente quando ela mais precisou.

Uma lágrima rola por sua bochecha.

— Pai — Suspiro — Não é culpa sua.

— Por que você pode me perdoar, mas não pode perdoá-la? — ele pergunta. Sua voz é acusatória e isso me deixa tensa. Fico um pouco mais ereta. — Sou tão culpado quanto ela. Errei tanto quanto ela. Eu deixei você acreditar que ela foi embora por razões egoístas quando esse não era o caso. — Ele segura meus ombros novamente. — Ela nunca foi egoísta, nem está sendo agora.

— Ela está morrendo — falo em voz baixa. E minha voz falha.

Ele me puxa contra si e me deixa chorar em sua camisa. Sinto como se ele tivesse puxado meu coração pela garganta. Como se tivesse me eviscerado. Estou absolutamente sufocada pelo ódio que guardei no coração por tanto tempo, quando finalmente começo a libertá-lo.

— Sinto muito — ele fala, passando a mão pelo meu cabelo.

— Eu também.

— E o que vamos fazer agora?

Me viro e sigo de volta para casa, e ele segura a minha mão como costumava fazer quando eu tinha três anos. Pulo na água rasa e chuto uma onda para ele.

Ele limpa o rosto com a manga da camisa.

— Não acredito que você fez isso — ele fala, mas está sorrindo, então não me preocupo.

— Vamos ficar bem, pai — falo para ele. Então chuto mais água.

— Sim, vamos — ele responde. Em seguida, corre em minha direção, me pega e me joga diretamente em uma onda.

Cuspo água.

— Não acredito que você fez isso — falo. Então, uma onda o atinge também e ele cai do meu lado. Ele ri muito, até que percebo que ele está chorando. Me levanto e seguro a mão dele, puxando-o da água. — Vamos — falo. — Estamos perdendo tempo de ficar com a minha mãe.

Seus olhos encontram os meus.

— Você não está com raiva?

— Não tenho tempo para estar com raiva — falo e corro. — Vou ganhar de você! — E corro em direção ao nosso deck. Ele vem atrás de mim.

— Oh, meu Deus! — Minha mãe grita quando passamos pela porta. Ela está em pé no balcão da cozinha com Nick e ambos estão cortando. Nós dois corremos até ela e a apertamos como se ela fosse o recheio de um sanduíche. — Vocês estão molhados! — ela protesta.

Nick joga a cabeça para trás e ri.

— Ah, você quer ser o próximo? — ameaço. Ele se esquiva correndo ao redor do balcão e acena para mim.

— Vão trocar de roupa! — ela grita, apontando o dedo em direção ao corredor. — O jantar será servido em cinco minutos!

Atravessamos o corredor rindo. Fecho a minha porta e me inclino com força contra ela.

O que o meu pai não sabe é que eu já a havia perdoado. E a ele também.

NICK

É bom ficar com a família da Carrie. Muito bom. Eu costumava passar muito tempo com meus pais e não tinha percebido o quanto senti falta. O sr. Michaels grelhou alguns bifes e fez um gesto para Carrie ir ajudá-lo. Estou no balcão com a sra. Michaels, ajudando-a a fazer uma salada. O que significa que estou só olhando.

— Como a Carrie está indo, Nick? — ela pergunta.

Encaro seu rosto. Ela olha para mim, os olhos tão parecidos com os da Carrie que chega a ser surpreendente.

— Ela está lutando — falo.

Ela bufa.

— Não é o que todos fazemos?

Carrie e o sr. Michaels voltam para dentro da casa, carregando um prato cheio de bifes e batatas assadas. Eles estão rindo juntos, e ela está tão linda que não consigo parar de olhar. A sra. Michaels me empurra e fecha minha boca. Sorrio para ela, e ela sorri de volta.

— Sempre gostei de você, Nick — ela fala.

— Sempre gostei de você também, sra. Michaels — admito.

Seus olhos suavizam.

— Você se parece tanto com o seu pai.

— Às vezes, esqueço de como eles eram. De como eram suas vozes. — Não sei por que eu disse isso.

— Posso entender. Fiz uma série de vídeos para Carrie para quando eu me for. Um para o dia do seu casamento, outro para o primeiro filho... coisas assim. Algo que ela possa assistir em seus dias especiais já que eu não estarei lá.

— Ela sabe disso?

Ela balança a cabeça.

— Ninguém sabe.

— Foi inteligente da sua parte. Eu gostaria de ter algo assim.

Ela esfrega meu ombro.

— O acidente dos seus pais não foi exatamente algo que eles pudessem planejar.

O sr. Michaels entra na cozinha.

— Quais são os seus planos para a faculdade, Nick? — ele pergunta. Ele se inclina e beija a sra. Michaels na bochecha. Ela cora.

— Ah, eu não vou — falo. Não prolongo o assunto, porque não quero dizer a eles como eu quero mais do que tudo para ir para a faculdade. Quero fazer tudo o que os meus pais planejaram para mim, que era ser um sucesso.

Sua testa franze.

— Por que não?

— Tem muita coisa para fazer aqui — murmuro.

A sra. Michaels encaminha todos para a mesa e nos sentamos juntos. Eu me sinto um pouco fora de lugar, mas Carrie se estica e aperta meu joelho debaixo da mesa e me sinto melhor imediatamente. Sorrio para ela e entrelaço nossos dedos.

A sra. Michaels insiste que eu a chame de Patty. E me diz para chamar o sr. Michaels de John, mas ele me olha de um jeito ameaçador quando ela fala isso. Passo a mão pelo rosto para esconder o sorriso.

Patty passa uma hora me contando histórias sobre quando Carrie era pequena, e John conta sobre momentos inadequados e faz todo mundo rir. Carrie está agitada como se não estivesse completamente certa do que fazer com essa coisa nova de reunião de família, mas está gostando muito, posso dizer.

Quando todo mundo terminou de comer, Patty fala:

— John, vamos deixar as crianças lavar os pratos. — Ela se espreguiça. — Estou muito cansada. — Ela dá a John um olhar enviesado e desta vez é ele quem se contorce. — Está pronto para ir para cama? — ela pergunta.

Ele joga o guardanapo no prato e se levanta.

— Não consigo pensar em qualquer outro lugar que eu gostaria de ir — responde. Ele pega a mão dela e a ajuda.

— Vocês vão para a cama juntos? — Carrie deixa escapar.

John e Patty se entreolham.

— Estamos realmente cansados — John fala com uma risada. Ele puxa Patty em direção ao quarto e fecha a porta atrás deles em meio a sussurros e risos.

— Bem, isso é estranho — Carrie fala. Ela se levanta e olha para a porta.

Eu rio.

— Eu acho doce.

Ela fica quieta enquanto colocamos as coisas na máquina de lavar louça e arrumamos a mesa, mas terminamos em questão de minutos. Sigo-a para o sofá. É quando ouvimos um barulho suave.

— O que é isso? — Carrie pergunta.

— Humm...

— Você ouviu? — ela pergunta e vai na ponta dos pés em direção ao corredor.

— Carrie — sussurro para ela.

— Não, de verdade — ela fala. — Que barulho é esse?

Bump. Bump. Bump. Bump.

Tento não rir, mas não consigo.

Ela coloca as mãos no rosto e fala baixinho.

— Meus pais estão fazendo sexo.

— Aparentemente — falo. Afasto as mãos do rosto dela, porque seus ombros estão tremendo e acho que ela está chorando. Mas logo percebo que as lágrimas são porque ela está segurando o riso.

Ela balança o polegar em direção ao quarto.

— Meus pais estão fazendo sexo! — ela sussurra.

— Realmente parece. — Eu me remexo.

— Parecem estar batendo na parede.

— Hum-hum.

— Mandando ver mesmo.

— Sim.

Ela ri.

— Quer se sentar no deck?

Ah, graças a Deus.

— Sim, por favor! — falo rapidamente.

Ela passa pela porta de vidro deslizante e salta do deck para a areia. Ela está com os pés descalços, então eu tiro meu tênis também e a sigo.

— Ei, Nick! — Uma voz me chama da praia.

Olho e vejo uma pequena fogueira na areia, e todos os Reed sentados ao redor dela. Aceno para eles.

— Venha se juntar a nós! — alguém chama.

Olho para Carrie, e ela apenas sorri e encolhe os ombros. Seguro a mão dela e caminhamos em direção às chamas.

Paul está sentado com Friday quase em seu colo e ele faz um gesto para que eu e Carrie nos acomodemos em uma toalha. Ela se senta. Carrie já conhece quase todos, exceto por Reagan, Emily e Friday, então eu as apresento.

Sam sai da casa. Ele está carregando uma guitarra numa mão e um embrulho na outra. Ele passa a guitarra para Emily e o embrulho para Paul.

— Não conseguiu dormir, hein? — Paul pergunta a Sam.

— Acho que ele quer mamar — Sam responde.

— Bem, posso resolver isso — Friday fala. Ela pega o bebê, brinca com ele por um instante e, em seguida, ajeita a camisa aconchegando-o a ela. Paul joga um cobertor sobre ele e o bebê começa a mamar. Friday se inclina contra Paul, e ele se vira para beijá-la muito rapidamente.

— Você tem leite suficiente para alimentar dez desses — Emily diz.

Friday pega um marshmallow e joga para ela. Logan pega e come. Friday faz uma careta para ela.

Não posso acreditar que estou sentado com os Reed ao redor de uma fogueira.

— Sem câmeras? — pergunto, olhando ao redor.

— Temos uns instantes de folga às vezes — Paul fala.

— Onde estão as crianças? — Carrie pergunta, olhando para eles.

— As boas estão dormindo. As outras, mamando. — Matt responde.

Desta vez, Paul lança o marshmallow e bate no meio da testa de Matt. Logan o pega e enfia na boca. Ele dá de ombros quando Matt reclama.

— Temos uma babá como parte da equipe de produção quando viajamos. É bom quando eles estão dormindo à noite — Paul explica. Ele olha com carinho para baixo. — Ou não, como pode acontecer.

Sky está sentada com as pernas esticadas e a cabeça de Matt está em seu colo.

— Como a sua mãe está? — ela pergunta a Carrie. Sky acaricia os cabelos de Matt e ele sorri.

— Melhor — ela responde. — Obrigada pela ajuda na outra noite. E por todos vocês terem arrumado os móveis.

Aposto que ela está desejando que os parafusos da cabeceira tivessem sido reforçados.

— Não se preocupe com isso — Matt diz com um aceno alegre. — Estou feliz por ela estar se sentindo melhor.

Emily começa a dedilhar a guitarra, e todo mundo fica em silêncio. Não posso acreditar que estou sentado ouvindo Emily Reed tocar guitarra. Ela é famosa por ter tocado com a banda Fallen from Zero. Depois, ela compôs uma canção que atingiu as paradas de sucesso há algumas semanas. É uma bela canção sobre amor, perda e se encontrar.

— Estou atendendo a pedidos — ela fala.

Emily toca algumas músicas animadas que eu conheço, canta a sua música e tenho que me beliscar, porque ainda não consigo acreditar onde estou e o que estou fazendo.

— Ei, Nick — Pete me chama.

— Sim — respondo. Mal posso vê-lo através das chamas, mas sei que ele está lá.

— Você conhece algum pastor?

A guitarra para e todo mundo fica quieto.

— Alguns, por quê? — respondo. Penso imediatamente no funeral da Patty e espero que ele não pergunte sobre isso.

— Bem, Reagan e eu estávamos pensando que gostaríamos de nos casar na praia enquanto estamos aqui. — Ele espera.

Os Reed começam a falar ao mesmo tempo, ficando de pé e abraçando Pete e Reagan.

— Você está falando sério? — Paul pergunta.

— Com certeza — Pete responder. Ele se senta com Reagan novamente e olha em seus olhos. — Não quero estar em outro lugar.

— Vocês podem ter bebês também! — Sam finge chorar, como se estivesse emocionado. Então, ele finge vomitar.

Reagan bufa.

— Quanto você bebeu? — ela pergunta. — *Não*.

— Ah, vamos lá — Sam fala. — Você sabe que quer crianças também. Bebês. Pequenos ladrões de pedaços de biscoito. Fraldas cheias.

— Talvez um dia — Pete fala, olhando em seus olhos. Ela acena para ele, e meu coração acelera por eles. Quero esse olhar. Quero essa vida.

— Tem um pastor que me deve um favor — falo a ele.

— Por falar em crianças... — Matt fala.

Todo mundo fica em silêncio.

— De jeito nenhum — Sam respira.

Matt coloca a mão sobre a barriga da Sky.

— Sim — ele fala.

Carrie balança a cabeça e ri enquanto todo mundo volta a parabenizar.

— Você descobriu de onde eles vêm? — Paul pergunta e se senta novamente.

Sky cora e Matt ri.

— Sim.

Sam zomba do tom de Paul.

— Você precisa pegar um preservativo da gaveta?

Pete aprofunda a voz também.

— Você precisa quebrar essa merda. — Ele faz um círculo com o dedo no

ar.

Matt ri.

— Ok, isso é o suficiente — ele adverte. — Nós sabemos de onde eles estão vindo. — Ele olha para Sky. — Você pode me usar a qualquer momento que queira engravidar, amor — ele fala. Ela empurra seu peito quando ele a puxa para beijá-la.

Paul enche um galho com marshmallow e me entrega. Ofereço a Carrie, e ela assente. Ela assa o marshmallow e o puxa quando está assado. Ela sopra, sorrindo para mim.

Ela está feliz neste momento. Não posso evitar, mas acho que ela é a garota mais bonita que já vi. E não quero estar em qualquer lugar além daqui, a menos que ela vá embora. Aí vou querer ir com ela. Estou me referindo à fogueira. Eu acho.

CARRIE

Mal posso acreditar em como todos eles são bons. Eles acolheram o Nick como se ele fosse parte da família. E eu também, por consequência. Sam e Pete acabaram em uma luta na areia, e Nick me puxou contra seu peito para me tirar do caminho, mas acho que ele só queria uma desculpa para me abraçar. É uma sensação boa e de segurança quando ele faz isso, então me acomodo e olho para o céu escuro com a cabeça em seu ombro.

Estreito os olhos quando vejo duas formas surgindo das sombras.

— Amber? — pergunto.

— Carrie? — ela chama. Ela está andando de mãos dadas com Seth, o filho mais velho de Matt. Ela se senta ao meu lado e Seth, ao lado dela.

— Oi, Carrie — Seth fala.

— Onde vocês estavam? — Matt pergunta.

— Caminhamos até o cais — Seth responde. Ele olha para cima timidamente e Amber cora. Posso ver a cor reveladora de suas bochechas.

— Temos que conversar amanhã — sussurro para Amber. Ela assente e sorri. Vejo que a pontas dos dedos de Seth se sobrepõem aos dela na areia e isso me faz aquecer.

— O que acha de caminhar até o cais? — Nick me pergunta. Assinto e deixo que ele me puxe para cima, limpando a areia do meu bumbum enquanto fico de pé.

— Seus pais sabem onde você está? — Paul me pergunta.

Eu concordo.

— Eles estão um pouco ocupados — respondo. Olho para a casa e mordo a língua, porque não quero dizer mais nada.

Matt ri.

— Bom para eles.

— Não fiquem fora muito tempo — Paul fala.

Nick olha para mim e sorri.

— Sim, senhor — ele responde com uma risada.

Paul dá de ombros.

— Não posso evitar. Sou pai de menina.

— Não vamos demorar muito — digo a ele. Seguro na ponta dos dedos de Nick, e caminhamos em direção à praia.

— Não posso acreditar que ficamos sentados ao redor de uma fogueira com os Reed — Nick fala.

— Você é fã, hein? — Olho para ele. Ele ainda parece bem animado.

— O maior — ele responde. — Eles são como no programa, mas melhores.

— Eles são muito agradáveis.

— Agradáveis? — ele protesta. — Eles são incríveis! Emily Reed acabou de tocar uma canção para nós.

— Eu não tinha ideia de quem ela era até que ela começou a cantar.

— Então você descobriu?

— Eu teria que viver em baixo de uma rocha para não conhecer aquela música.

Ele ri. Então fica quieto. Andamos por todo o caminho até o cais sem qualquer som, exceto o barulho das ondas e do vento.

De repente, ele se vira para mim e segura meu rosto. Me assusto um pouco, mas ele me toca com ternura.

— Quero te beijar — ele fala.

— Você deveria.

— Mas não acho que posso.

Meu coração parar de bater por um momento.

— O quê? — pergunto e cubro suas mãos com as minhas.

— Mais cedo ou mais tarde você vai me deixar — ele fala. — Você tem que ir para a faculdade, e eu não vou. Vou ficar arrasado. Não tenho certeza de que posso lidar com a perda de alguém que é tão importante para mim

quanto você.

— Você poderia me visitar.

Ele balança a cabeça.

— Não posso. Tenho muita coisa acontecendo aqui.

— Então é isso? — pergunto. Sinto um nó na garganta.

— Acho que devemos ser amigos — ele sussurra.

— Acho que devemos ser amigos que se beijam — sussurro de volta, de brincadeira. Mas sei que ele está falando sério. Ele está me dizendo que não.

— Amigos podem beijar? — ele pergunta. Seus olhos procuram meu rosto à luz do luar.

Fico na ponta dos pés e toco meus lábios nos dele. Ele hesita por um segundo, e me preocupo de ter cometido um erro. Então ele me beija. Seus lábios são suaves no início, mas depois ele grunhe e me abraça. Suas mãos deslizam sob a minha camisa e tocam minhas costas para cima e para baixo enquanto seus lábios me beijam intensamente. Dedos gananciosos escorregam no cós do meu short e seguram o meu bumbum, me empurrando contra a sua dureza. Posso sentir cada centímetro dele e dizer o quanto ele me quer, mas ele levanta a cabeça e enterra o rosto no meu pescoço.

— Não me faça me apaixonar por você — ele fala em voz baixa.

Olho para cima e afasto uma mecha de cabelo da sua testa.

— Vou fazer o possível.

Caminhamos de volta para casa, lado a lado, de mãos dadas, absorvendo o silêncio. O vento faz cócegas na minha pele quase tanto quanto a sua proximidade. Acenamos para os Reed enquanto caminhamos, e ele me leva até a porta. Nick me beija suave e rapidamente, para e respira fundo em meus cabelos. Posso sentir a tensão em seus braços e quero abraçá-lo. Mas algo me diz que ele não quer.

— Boa noite — ele fala.

— Boa noite — respondo. Ele fica parado enquanto abro a porta e, então, eu o vejo caminhar para a escuridão.

Encontro a minha mãe sentada no sofá quando entro, e ela sorri para mim.

— E aí, ele te beijou? — ela pergunta. Me lembro de como fui indiferente

a ela da última vez que ela me perguntou e me arrependo disso.

Me sento ao lado dela e deixo que nossos ombros se toquem.

— Sim, ele me beijou.

Ela ri.

— Me conta — ela fala.

Ficamos conversando a maior parte da noite. Até que a manhã começa a surgir sobre o mar e meu pai aparece para levá-la de volta para a cama. Eu os vejo ir embora juntos e me sinto grata pelos presentes que me foram dados.

NICK

Passei o dia de hoje pescando com John. Patty me disse para chamá-lo de John, mas ele fecha a cara para mim cada vez que ela diz isso. Então eu o chamo de John na minha cabeça e sr. Michaels quando estou com ele.

Na verdade, John estava pescando e eu, trabalhando. Tenho um amigo que é dono de um barco de pesca e, às vezes, o ajudo. Eu o convenci a deixar John ir conosco. Acho que ele teve um bom dia, mas agora está olhando para o relógio e acho que está pronto para voltar.

Os Michaels estão aqui há duas semanas, e Patty está começando a ficar cada vez mais magra. Ela está encontrando dificuldades em tomar o shake de proteína que tem que tomar e acaba vomitando mais do que o mantendo no estômago. Às vezes ela esconde, mas acho que as coisas estão cada vez mais difíceis para ela.

Todas as noites, Patty e Carrie caminham até o farol. Elas se sentam por lá e conversam. Mas na noite passada, Patty estava cansada demais para andar, então elas não foram.

Eu as segui uma noite, só para que pudesse ver o que elas faziam quando iam até lá. Elas se sentam na base do farol, em um ponto da areia, se deitam lado a lado e olham para as estrelas. De mãos dadas as duas falam. Conversam uma com a outra. E então, elas voltam, e Patty e John vão para a cama. Juntos.

Hoje, sigo John pela porta de trás e encontro Carrie e Patty no sofá. Patty está sentada e Carrie está deitada com a cabeça no colo da mãe. Elas estão assistindo a algum filme romântico na TV e estão chorando.

— Cara — John fala para mim, parando na porta. —, acho que devemos ir para a sua casa dessa vez.

Eu rio. John é realmente muito divertido. Aceno com a cabeça para ele.

— Aqui parece um território perigoso.

Ele caminha para dentro e vai tomar banho. Eu gostaria de poder fazer isso também. Carrie e Patty sequer olham para cima, então vou para a cozinha e pego um refrigerante. Quando eu o levo para os lábios, sinto braços envolverem a minha cintura e sorrio.

— Senti sua falta — Carrie diz, calmamente. — Teve um bom dia?

— Sim, mas estou meio que fedido — aviso.

Ela ri e enterra o rosto nas minhas costas.

— Não me importo — ela murmura. Sua voz é suave e baixa e vai direto para o meu pau.

— Preciso de um banho — protesto. — Vou dar um pulo lá em casa por alguns minutos.

— Vou com você — ela fala e não me dá tempo para responder. — Ei, mãe? — ela grita. — Tô indo no Nick por alguns minutos, ok?

— Claro — sua mãe grita de volta, mas sua voz está fraca. — Não demore muito. Seu pai vai fazer o jantar.

Ela segura a minha mão, me puxa para a porta e até o meu jipe. Entro e ela coloca a mão no meu joelho. Olho para ela.

— Tem certeza de que quer ir para a minha casa? — pergunto.

Ela assente e mordisca o lábio inferior.

— Tenho, sim.

— Ok. — Fecho os olhos e respiro.

Carrie já esteve em casa e já entrou, mas nunca ficou por muito tempo. Apenas o tempo suficiente para eu pegar alguma coisa ou trocar de roupa. Agora vou ficar nu em um cômodo enquanto ela está em outro.

Estamos juntos há duas semanas agora. Duas semanas desde que lhe pedi para não me fazer me apaixonar por ela. Estou condenado. Absolutamente condenado. Sou apaixonado por ela desde que tinha quatorze anos. Desde aquele dia em que estava andando na praia com os meus amigos e a vi. Caí sentado tentando impressioná-la, e ela riu de mim.

Entramos e está tão quente no trailer que lamento imediatamente trazê-la

aqui.

— Desculpe — falo.

— Adoro esse lugar — ela fala. Ela anda pela sala e olha para as fotos na parede. — Eu me lembro de quando você era assim.

— Vai ficar bem aqui enquanto tomo um banho?

Ela assente e continua andando, envolvida em memórias.

Ligo o chuveiro e me molho. Me equilibro, tentando descobrir o que vou fazer com Carrie. Ela vai embora em algumas semanas. Vai para a faculdade, e não sei se vai voltar. Ela vai levar o meu coração junto.

Ouço a cortina se abrir atrás de mim e não consigo me virar. Sei que é ela e que está nua. Sei que ela vai me dar tudo de si mesma, porque me ama também. Posso sentir isso dentro de mim, mas não sei o que fazer.

— Nick? — ela chama, e toca carinhosamente as minhas costas. Olho por cima do ombro e ela tem uma pergunta nos olhos. — Está tudo bem?

— Sim — falo. — Tudo bem.

Ela pega o sabonete e o esfrega nas mãos. Em seguida, toca minhas costas lentamente. Ela traça minhas tatuagens com a ponta dos dedos, e tenho que me apoiar na parede. Meus joelhos parecem que vão desabar a qualquer segundo.

— Quer que eu vá embora? — Sua voz treme.

Eu não poderia expulsá-la daqui por nada.

— Não.

— Ok — ela fala.

Ela pega o sabonete novamente e o desliza sobre meus ombros e costas, desce para a minha bunda e a parte de trás das minhas pernas. Suas mãos não estão hesitantes, mas posso senti-la tremer. Sua respiração toca minha pele e, em seguida, ela empurra meu quadril para me fazer virar. Ela ainda está abaixada, mas eu mantenho os olhos fechados com força e me viro. Ela faz um pouco de barulho, mas não consigo olhar para ela.

Ela ensaboa a parte da frente das minhas pernas e cada lado dos meus quadris. Em seguida, ela se levanta e faz pequenos círculos sobre meu peito e os braços. Ela os levanta, lava minha axila e ri.

— O que é tão engraçado? — pergunto.

— Você — ela responde. — Está olhando para todos os lados, menos para mim.

Ela pega um frasco de xampu e começa a lavar meu cabelo.

— Você não tem que fazer isso — falo.

Ela espera um instante e fala:

— Há quanto tempo ninguém cuida de você, Nick? — Ela inclina a cabeça para trás e enxagua meu cabelo. Fico feliz, pois as lágrimas enchem meus olhos. Faz muito tempo desde que alguém cuidou de mim, desde que alguém se importou com o que acontece comigo.

Mas Carrie se importa. Posso dizer que sim. Posso dizer que ela tem sentimentos verdadeiros por mim. Mas eles serão o suficiente para nós? É disso que não tenho certeza.

— Faz muito tempo — sussurro e puxo seu corpo nu contra o meu.

— Me deixa cuidar de você — ela pede.

Concordo com a cabeça em seu pescoço.

Seus dedos lisos envolvem meu pau e ela começa a tocá-lo. Abro a boca para gemer, mas sua língua desliza para dentro, e ela começa a me beijar enquanto me acaricia, puxando a alma do meu corpo a cada movimento dos seus pequenos dedos.

— Carrie — grunho.

— O quê? — ela sussurra contra os meus lábios. — Me deixa cuidar de você — ela pede novamente. — Confie em mim.

Confiar nela? Não confio em ninguém. Não de verdade.

Até agora.

— Ok — falo.

Seus dedos apertam e sinto que minhas bolas estão tentando sair pela garganta. Gozo com seus dedos me envolvendo, esguichando em sua barriga enquanto ela sussurra incentivos para mim. E eu quase morro em suas mãos.

Tenho que fazê-la parar agora, porque estou muito sensível. Então seguro sua mão e a levanto, segurando-as no alto da sua cabeça enquanto pressiono-a contra parede.

— Por que você fez isso? — pergunto, com a cabeça enterrada em seu pescoço.

— Queria fazer você se sentir bem.

— Você não tem que fazer isso para me fazer sentir bem.

— Eu sei. — Sua testa franze. — Você não gostou?

Eu rio e pego o sabonete. Lavo sua barriga e sua pele estremece quando eu a toco.

— Acho que há muitas provas de que gostei. — Sorrio.

Ela ri enquanto a limpo.

— E você? — pergunto. Eu a beijo e ela afasta a cabeça.

— Eu disse aos meus pais que não demoraria muito.

— Mas isso não é muito justo — protesto.

Ela ri novamente e sai do chuveiro. Vou ter a imagem do seu corpo nu na minha mente pelo resto da vida. Eu a envolvo em uma toalha e a seco muito rapidamente. Então ela se veste.

Voltamos ao jipe e eu a levo para casa. O vento seca o cabelo dela, que ri quando faço uma curva muito rápida, agarrando as barras do teto.

— Nick — ela chama. Eu paro. Então, ela sorri para mim e pede — Faz isso de novo!

Então eu faço. Muitas vezes.

Mas quando chegamos na sua casa, há uma ambulância na entrada.

CARRIE

Chegou a hora de contratar um serviço de *home care*. Enquanto estávamos fora, minha mãe teve uma convulsão e deixou meu pai em pânico, por isso ele chamou a emergência. Eles passaram o dia no hospital, mas voltaram para casa, e uma enfermeira apareceu naquela noite. Minha mãe ainda pode se levantar de vez em quando, mas fica tão cansada que não dura muito tempo. Nos disseram que tínhamos um mês, mas não parece que vai ser o caso.

Quando chegamos em casa, Matt e Sky apareceram e trouxeram o jantar. Foi muito legal da parte deles, e choro por sua generosidade. Não consigo evitar. Matt me abraça por um segundo, murmurando para mim que tudo vai ficar bem. Que vou ver. Que vou entender. Mas não consigo. E provavelmente jamais vou conseguir.

Seth me pergunta se quero dar uma volta com ele enquanto os outros conversam. Concordo, porque Nick precisou ir trabalhar. Não tenho nada mais para fazer e não acho que Nick vá se importar.

— Minha mãe morreu de câncer há alguns anos — Seth me fala no minuto em que nossos pés tocam a areia. — Só queria te dizer isso. — Ele olha para mim. — Matt pode dizer que ele sabe o que você está passando, mas não sabe. Não de verdade. Ele não viu a mãe dele se acabar e você se sentir impotente, pois não pode fazer nada. Então eu só... queria te dizer que sei o que você está passando e que ficaria feliz em ouvir, se você quiser falar.

— Obrigada — respondo. Mas não tem nada que eu queira falar agora. — Quem sabe mais para frente?

Caminhamos em silêncio.

— Então, você e Amber, hein? — pergunto, com um sorriso.

Ele balança a cabeça.

— Não, ela ficou com um cara chamado Dale na noite passada — ele fala e estremece. — Não sei o que aconteceu.

Nós andamos e conversamos por um tempo e, finalmente, voltamos. Friday e Reagan estão com a minha mãe quando chego lá, e todos estão conversando. Paro na porta e ouço a minha mãe falar.

— Se eu pudesse fazer algo diferente, nunca teria me divorciado. Queria que estivéssemos casados agora. Mas acho que é tarde demais.

Minha mãe cochila, e Reagan faz um gesto com o dedo para que eu saia do quarto com ela.

— Tive uma ideia — ela fala.

Reagan e Pete supostamente vão se casar hoje em uma bela cerimônia na praia, mas, no último minuto, as mulheres invadem a casa. Eles expulsam meu pai em meio a seus valentes protestos, e eu apenas sorrio e o empurro para os rapazes Reed, que o levam às compras e espero que contem o plano a ele.

Reagan se senta em uma cadeira ao lado da minha mãe e ergue a mão.

— Então, planejei esse pequeno casamento — ela começa.

Minha mãe acena.

— E eu planejo estar lá, mesmo que tenham que me carregar.

Reagan balança a cabeça.

— Mas decidi que não quero me casar hoje. — Ela faz um gesto para Friday e Sky entrarem no quarto. Elas trouxeram todos os tipos de maquiagem e roupas em sacos grandes. — Pete e eu conversamos sobre isso, e decidimos que prefiro ver você e John se casarem novamente hoje.

— O quê? — Os olhos da minha mãe se enchem de lágrimas. — Não posso — ela protesta, assim como nós pensamos que faria.

— Pode, sim. Não vou aceitar um não como resposta. — Reagan é inflexível. Minha mãe chora. Eu choro. Todo mundo chora.

— E se John não quiser? — ela pergunta.

Friday bufa.

— Não acho que esse seja o caso. — Olhamos para a porta e encontramos meu pai de pé, muito bonito em um smoking.

— Se prepare, Pattycakes — ele fala. — Vou te carregar se você não me encontrar na frente do pastor. — A voz dele falha na última frase, e ele vai embora esfregando os olhos.

Minha mãe ergue as mãos.

— Bem, acho que isso é um sim — ela fala.

Fazemos cabelo e maquiagem, e depois Reagan coloca o próprio vestido de casamento em minha mãe. Fica um pouco grande porque ela perdeu muito peso, mas se encaixa bem o suficiente. A mãe de Reagan, que voou com o pai e o irmão mais novo para a cerimônia que agora não vai acontecer, disse que ele ficou muito melhor nela do que em Reagan. Minha mãe ri. É simpático da parte dela dizer isso. E ainda melhor que Reagan tenha cedido o seu dia.

Minha mãe aperta a mão de Reagan.

— Sou muito grata. — Reagan enxuga uma lágrima.

— Está pronta? — Matt pergunta da porta. — John está esperando na praia.

Minha mãe sorri.

— Sim, estou pronta.

Matt empurra sua cadeira de rodas para dentro do quarto.

— Não — ela fala. — Vou andando.

— Mãe — protesto.

Ela ergue a mão.

— Vou andando — ela repete.

Aceno e enxugo uma lágrima que cai em meu rosto.

— Ok — murmuro. Dou o braço a ela, deixando-a se apoiar em mim, e caminhamos para o deck.

Ela para e olha a beleza da coisa toda. Bem na frente do nosso deck, há cadeiras e um caramanchão de flores. Meu pai está de pé ali na frente e estende as mãos enquanto fala.

— Isso tudo é para nós, Pattycakes!

Caminho até o altar com a minha mãe se segurando em mim e a entrego

ao meu pai, indo me sentar com Nick. Ele segura a minha mão e sorri para mim. Enxugo as lágrimas do rosto e me concentro na beleza do momento. Meus pais declaram seu amor e, em seguida, meu pai desliza o anel de volta em seu dedo e ela faz o mesmo com o dele.

Há câmeras da equipe dos Reed, mas Matt me garante que eles estão fazendo um vídeo que será apenas para nós, algo para termos de recordação.

Vejo o vento soprar o cabelo da minha mãe, e uma sensação de paz se instala em mim. Nick aperta minha mão e eu beijo a sua bochecha.

Depois de dizerem "aceito", meu pai a carrega e a leva para o deck, onde a senta em uma cadeira da sala de estar com ela reclinada contra ele. Eu o ouço perguntar:

— Você está bem? — Ela balança a cabeça e volta a se inclinar contra ele.

Emily pega um violão e começa a tocar. Ela canta a sua música e, de repente, a minha mãe pergunta:

— Você conhece *I'll Fly Away*?

Emily assente e começa a cantar sobre um belo dia quando a vida termina e voa ao longe. Minha mãe canta também, e todos no deck nos juntamos a elas. Não uma pessoa que não esteja chorando quando a música acaba.

Minha mãe está cansada, mas fica acordada até o sol se pôr, e nós vivenciamos aqueles momentos de riso e amor. Então, ela me pede para ajudá-la a trocar de roupa.

— Quero ir para o farol — ela fala.

— Ok — respondo, hesitante. Pergunto a Nick se há alguma forma de a levarmos até lá.

Ele leva o jipe até a praia e nós entramos. Meu pai carrega a minha mãe para o farol e ele e Nick nos deixam lá por um tempo.

Nós duas conversamos. Falamos sobre ela e o meu pai, a vida e Nick e eu. E é a melhor conversa de todas. Uma estrela cadente atravessa o céu e a minha mãe sussurra:

— Faça um pedido.

Fecho os olhos e peço. Mas não posso dizer em voz alta o que é, porque senão ele não vai se tornar realidade.

E preciso desesperadamente que ele se torne real.

NICK

A mãe de Carrie morreu no domingo. Carrie e eu nos sentamos no deck por horas depois, sem dizer uma palavra. Ela ficou arrasada, mas era um bom tipo de perda, o tipo em que você é grato porque alguém não está mais sentindo dor. O tipo que te arrasa, pois você nunca mais vai vê-la, mas saber que o sofrimento da pessoa teve fim te faz sentir alívio, mesmo que alívio seja o oposto do que você quer sentir.

Os Reed ficam conosco, cuidando da comida e das condolências. Matt e Logan se sentaram ao nosso lado no deck quando o sol estava prestes a se pôr.

— Foi um belo funeral — Logan fala.

Carrie assente. Ela está um pouco atordoada, pois seu pai lhe deu o vídeo diário, e ela assistiu ao vídeo "no dia em que eu morrer". Há um vídeo para todos os tipos de ocasiões, e Carrie está determinada a não assisti-los até que chegue o momento certo.

Mas no vídeo "no dia em que eu morrer", Patty admitiu algo para Carrie.

Acho que posso falar agora, já que parti. Mas desejei que você pudesse me ver de uma forma diferente. Lembra de quando estávamos deitadas no farol, naquela última noite, e a estrela cadente atravessou o céu? Desejei que você me visse em coisas que não são facilmente encontradas. Num arco-íris após uma chuva. No brilho de uma estrela cadente. Numa borboleta que pousar em seu ombro. Na brisa que te envolve quando você andar pela praia. Me sinta. Porque sempre estarei lá.

Matt também assistiu a mensagem e ficou emocionado. De repente, Matt se senta.

— Bem, você deveria ver isso — ele murmura. Então, percebe que falou em voz alta e parece um aflito.

— O quê? — Carrie pergunta. Mas então, ela vê também. Há uma borboleta amarela na grade do deck. Ele abre e fecha as asas.

— Uau — Carrie murmura.

Estou abismado. Absolutamente abismado. A borboleta voa e aterrissa no ombro de Carrie. Ela fica absolutamente imóvel.

Logan pega um bloco do bolso e começa a desenhar. A borboleta permanece lá por tempo suficiente para ele capturar a imagem. Carrie fica com a borboleta em seu ombro, completamente imóvel durante todo o tempo. Ela parece tão pacífica. E o mesmo acontece com a borboleta.

Logan arranca a página e entrega a ela. Ela agradece, e sinto meu coração na garganta. Mas ele sempre está assim quando estou com Carrie.

— Matt, você acha que poderia fazer uma tatuagem no meu ombro? — Carrie pergunta.

Ele assente.

— Posso, sim.

No dia seguinte, ele tatua a imagem em seu ombro. Logan desenhou, e é uma imagem tridimensional em que parece que ela está levantando a asa direita acima da pele. É uma das coisas mais bonitas que já vi.

Além da Carrie, é claro.

Carrie foi embora na sexta-feira. E sinto medo de que ela tenha levado o meu coração junto. Ela tem que ir para casa, arrumar as malas antes de ir para o dormitório da faculdade. Seu pai ainda está por aqui, fechando a casa. Olho ao redor, para minhas memórias, e sei o que tenho que fazer.

Tenho que ir embora. Tenho que vender a casa. Preciso.

Vou falar com o pai de Carrie, porque sei que ele é corretor de imóveis. Espero que ele tenha sugestões sobre o que posso fazer.

— Você quer ir para a faculdade? — ele pergunta.

— Sim, senhor — respondo.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Para a mesma em que Carrie está?

— Fiz a admissão no ano passado. Só por garantia. Consegui trancar a matrícula. Mas liguei e me disseram que posso ir. Eu só preciso ativá-la novamente.

— E você acha que precisa vender a casa para fazer isso. — Não é uma pergunta.

— Sim, senhor.

— E você quer tanto isso que está disposto a vender a casa.

— Sim, senhor. Mais do que qualquer coisa.

Ele vai até a gaveta da cozinha e pega um talão de cheques. Começa a escrever, o destaca e o entrega para mim.

Olho para baixo. Há um monte de zeros.

— O que é isso?

— Estou comprando sua casa. E a dando de volta para você. Alugue-a para pagar o os impostos e o seguro enquanto está na faculdade.

— Não posso aceitar — falo. Tento devolver o cheque.

— Patty e eu conversamos sobre isso antes dela morrer — ele fala.

Eu congelo.

— Ela queria que você tivesse acesso a todas as oportunidades. — Ele ri. — Acho que ela quis dizer oportunidade de se aproximar ainda mais da nossa filha, mas gosto de pensar que ela queria dizer oportunidade de prosseguir com a sua educação.

Não sei o que dizer.

— Eu... não poss...

Ele se afasta.

— Não vou aceitar o cheque de volta — ele fala por cima do ombro.

Puta merda.

CARRIE

É uma sensação estranha não ter minha mãe com a gente quando meu pai me leva para o dormitório. Carrego a última das minhas caixas e, ao subir as escadas, tropeço quando viro o corredor. Porque ali, de pé encostado na parede, com um pé descansando contra os tijolos, está Nick.

Largo o que está em minhas mãos, que faz barulho ao cair no chão.

— Aqui, me deixe ajudá-la — ele fala, e começa a pegar minhas coisas e as coloca de volta na caixa.

— O que você está fazendo aqui, Nick? — pergunto, quando finalmente consigo recuperar o fôlego.

— Estou ajudando você a pegar suas coisas. — Ele olha para mim e sorri.

— Não, quero dizer aqui. O que você está fazendo aqui? Na universidade.

— Ah, vou estudar também — ele responde e sorri.

— Não acredito! — falo. Meu coração acelera. — Tá falando sério? — Me jogo em cima dele, que cai contra a parede, mas me segura. Ele me abraça com firmeza contra si.

— Eu não poderia viver sem você — ele fala e me segura ainda mais apertado.

Sorrio contra seu pescoço.

— Não posso acreditar que você está aqui. Como você…? O que você…?

— Faça perguntas mais tarde — meu pai fala quando se junta a nós. — Vamos desempacotar as coisas. — Ele bate na mão de Nick. Ele sabia!

— Você *sabia*! — protesto.

— Você e a sua mãe não são as únicas que podem ter segredos — ele fala. — Nick e eu temos um acordo.

Não tenho ideia do que isso significa.

— Ele gosta de mim agora — Nick explica.

Meu pai o olha de um jeito ameaçador.

— Eu não iria tão longe.

Nick ri. Mas ele ajuda meu pai a arrumar minhas coisas e conversam. Saímos para jantar e depois meu pai nos deixa em meu dormitório. Por algum golpe de sorte, estou morando sozinha, sem companheira de quarto, então eu convido Nick para subir.

Quando chegarmos lá dentro, me jogo contra ele e meus braços envolvem o seu pescoço. Eu o beijo. Beijo como se houvesse amanhã.

— Como você fez isso? — pergunto contra seus lábios.

— Tive ajuda da sua mãe.

— Tá falando sério?

— E do seu pai.

Coloco meu ouvido sobre o seu coração e ouço a batida.

— Ele gosta de você, mesmo que não admita.

— Há tanta coisa que preciso te contar — ele se apressa em dizer. — Aluguei meu quarto para a Jack, então, com ela e Malone, minhas contas estão sendo pagas. Só espero que eles possam viver juntos sem que se matem.

Estou tão feliz que ele está aqui que eu poderia explodir. Quero descobrir tantas coisas, de que jeito ele conseguiu vir, o que aconteceu com Amber e Seth depois que vim embora... e espero que alguém finalmente tenha chutado o traseiro de Dale, o vizinho. Mas posso descobrir tudo isso mais tarde. Agora, só quero beijá-lo. E nunca mais parar.

Nick afasta meu cabelo do rosto.

— Carrie, percebi que se eu tivesse só um momento, eu não queria desperdiçá-lo. Quero estar com você. Então, aqui estou. — Ele dá de ombros.

— Bem, vou lhe dizer como as coisas vão acontecer neste ano que está por vir — falo. Viro o seu rosto para mim e olho em seus olhos. — Vamos nos amar loucamente. Você vai para casa comigo nas férias, porque meu pai provavelmente não vai querer que seja de qualquer outra forma. No verão, podemos ir para a casa de praia. E então, quando tivermos terminado a faculdade, vamos arranjar bons empregos e fazer alguns bebês. E vamos levá-

los para a casa de praia, onde vamos empinar pipas e caminhar na praia para encontrar conchas. E se tivermos uma menina, vou levá-la para o farol, me deitar com ela sob a sombra e vamos conversar.

— Esse plano parece ser para mais de um ano — ele fala, mas acena com a cabeça. — Mas eu concordo. Aceito. Digo sim. Quero o que você quer. E quero você nua.

Paro de respirar.

— Sim.

— Preciso correr até o meu dormitório e pegar algumas... coisas. — Seu rosto fica vermelho.

— Vou com você.

Ele sorri e segura a minha mão. Abrimos a porta e olhamos para o parapeito. Há uma grande borboleta amarela balançando as asas. Fico olhando para ela.

— Olha isso, Carrie — ele fala.

— Estou vendo. Eu a vejo em todas as coisas. Em toda parte. O tempo todo. No vento que sopra, na música que toca no rádio, nas gotas de chuva que batem no para-brisa.

Porque não é só um momento que define a vida. Há muitos momentos, e eu me divirto em todos eles.

Fim.

ALSO BY

Leia os demais livros da série Irmãos Reed:

Tatuagem, toque e tentação

Sagaz, sexy e secreto

Calmamente, cuidadosamente, completamente

Balas e beijos

Enfim encontrando esperança

A revanche de Reagan e o encerramento do enlace de Emily

O maravilhoso milagre de Matt

Provando a promessa de Paul